



**PROGRAMA DE MESTRADO EM GESTÃO E PRÁTICAS EDUCACIONAIS  
(PROGEPE)**

**HADASSA VIVIANE RODRIGUES**

**O CLUBE DE LEITURA COMO POTENCIALIDADE EDUCADORA  
À FORMAÇÃO DE LEITORES**

**SÃO PAULO  
2023**

**HADASSA VIVIANE RODRIGUES**

**O CLUBE DE LEITURA COMO POTENCIALIDADE EDUCADORA  
À FORMAÇÃO DE LEITORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais da Universidade Nove de Julho (PROGEPE/UNINOVE), como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia do Carmo Felismino Fusaro

**SÃO PAULO**

**2023**

Rodrigues, Hadassa Viviane.

O clube de leitura como potencialidade educadora à formação de leitores. / Hadassa Viviane Rodrigues. 2023.

78 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2023.

Orientador (a): Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Márcia do Carmo Felismino Fusaro.

1. Clube do livro. 2. Educação. 3. Formação de leitores. 4. Vestibular. 5. Leitura literária.

I. Fusaro, Márcia do Carmo Felismino. II. Título.

CDU 372



**UNINOVE**



Universidade Nove de Julho

Programa de Pós-Graduação Profissional Gestão e Práticas Educacionais  
(PROGEPE)

**ATA DE DEFESA - MESTRADO**

Aos vinte e um dias do mês de novembro de dois mil e vinte e três, às 14h, na Sala de Exames desta Universidade, realizada de forma virtual, por meio da Plataforma de Videoconferência Google Meet, reuniu-se, em sessão pública, a **Banca Examinadora da Defesa de Mestrado** de **HADASSA VIVIANE RODRIGUES**, sob o Título: **"O CLUBE DE LEITURA COMO POTENCIALIDADE EDUCADORA À FORMAÇÃO DE LEITORES"**. Integraram a referida Banca a Profa. Dra. Márcia do Carmo Felismino Fusaro (UNINOVE), na qualidade de Orientadora Acadêmica, a Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista (UNINOVE) e a Profa. Dra. Diana Navas (PUC-SP), na qualidade de examinadoras titulares. A Banca Examinadora, tendo decidido aceitar o **Documento de Defesa**, realizou observações sobre o material acadêmico apresentado. Encerrados os trabalhos, as examinadoras deram o parecer final, conforme especificações a seguir:

DOCENTES	APROV	REPROV
Profa. Dra. Márcia do Carmo Felismino Fusaro (UNINOVE)	X	
Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista (UNINOVE)	X	
Profa. Dra. Diana Navas (PUC-SP)	X	

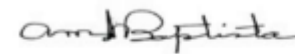
**Parecer:**

A Banca Examinadora elogiou a relevância do tema, bem como o desenvolvimento da pesquisa e da dissertação. Recomendou também a publicação do trabalho, dada sua qualidade. Tendo em vista tais considerações, bem como os pareceres de cada examinadora, a candidata foi considerada **APROVADA** no **Exame de Defesa**.

São Paulo, 21 de novembro de 2023.



Profa. Dra. Márcia do Carmo Felismino Fusaro (UNINOVE) – ORIENTADORA

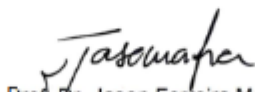


Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista (UNINOVE)



Profa. Dra. Diana Navas (PUC-SP)

De acordo,

  
Prof. Dr. Jason Ferreira Mafra  
Diretor do PROGEPE

Às mulheres que correm nas minhas veias.  
As de ontem, as de hoje e as do amanhã.

## **AGRADECIMENTOS**

Seria impossível apontar nominalmente todos os que colaboraram para a realização desta pesquisa. Citarei alguns nomes, mas, a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, gostaria de deixar meus mais sinceros agradecimentos.

À minha família, em especial ao meu marido Fagner e minha filha Marina, pela paciência, apoio e parceria ao longo destes dois anos.

Aos membros do Programa de Pós-graduação em Gestão e Práticas Educacionais, pelo suporte, em especial aos professores do programa. Seus ensinamentos foram muitos e certamente contribuíram positivamente para a minha formação.

À professora Márcia Fusaro, minha orientadora, por apontar os caminhos e orientar minha caminhada durante todo este período de pesquisa. Seus conselhos e sabedoria me inspiraram para que eu sempre buscasse o melhor para minha formação acadêmica e crescesse como ser humano.

Aos membros da banca de qualificação e defesa, professoras Dra. Ana Maria Haddad Baptista e Dra. Diana Navas, pelos pertinentes apontamentos, que contribuíram e engrandeceram este estudo.

À Fundação Demócrito, pela efetiva formação, para que eu me tornasse uma mediadora de leitura.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus Pirituba, que me concedeu redução de carga horária, permitindo que eu me dedicasse da melhor maneira possível à minha pesquisa e pela implementação do Projeto de Extensão Clube de Leitura Vestibulando.

Aos colegas e alunos que possibilitaram o desenvolvimento do Clube de Leitura, pelo apoio, divulgação, participação e auxílio.

A todos os mediadores, pelo trabalho e contribuições para a formação de uma sociedade leitora.

Quando eu morder  
a palavra,  
por favor,  
não me apressem,  
quero mascar,  
rasgar entre os dentes,  
a pele, os ossos, o tutano  
do verbo,  
para assim versejar  
o âmago das coisas.  
**Conceição Evaristo**

*É preciso estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte [...]*  
**Caetano Veloso e Gilberto Gil**

## RESUMO

Um clube de leitura se configura, em geral, como um grupo de pessoas que se encontra periodicamente para discutir leituras, contando com a atuação de mediadores. Isto posto, partiu-se da hipótese de que, quando bem aproveitado, tal espaço pode se tornar um potente aliado educacional, ao oferecer oportunidades de interações criativas, assessoramento e compartilhamento de informações e projetos relacionados à leitura e educação. Neste contexto, foram investigadas as ações de um clube de leitura, como possível contribuição à formação de leitores e à leitura mais consistente de obras obrigatórias por alunos pré-vestibulandos. Tal recorte contextual se justifica pelo fato de o vestibular ainda ser um importante instrumento de acesso ao ensino superior no Brasil, mesmo em um cenário de ascensão do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Tipificado como uma avaliação em que estão presentes temas de disciplinas abordadas na educação básica, o processo seletivo carrega uma memória das relações escolares com as universidades e toda uma política em torno de determinado perfil intelectual esperado do candidato participante. Durante os estudos, este candidato também precisa se atentar às obras de leitura obrigatória. Devido ao grande quantitativo de obras solicitadas, e aos diversos gêneros literários abordados, é necessário que o vestibulando planeje e se organize, definindo diferentes estratégias de leitura num curto período de preparação para a prova. Neste contexto é que o clube de leitura pode atuar como um importante espaço de formação. Diante disso, a investigação fundamentou-se em autores alinhados à nossa proposta investigativa nas áreas da Educação e da Ciência da Informação, em especial, os estudos de Petit (2009), Cosson (2014), Andrade (2003) e Barros (2006). Como procedimento metodológico, adotou-se o estudo de caso do Clube de Leitura Vestibulando do Instituto Federal de São Paulo – Campus Pirituba (IFSP-PTB). Na pesquisa de teor quantitativo, mas com ênfase em uma análise predominantemente qualitativa, foram acompanhados sete encontros deste clube de leitura, ocorridos entre os meses de abril a novembro de 2022, a fim de se verificar a suposta efetividade da estratégia de mediação na formação desses leitores e suas potencialidades como instrumento de auxílio ao aprimoramento de leituras obrigatórias para vestibulares públicos. Dentre os objetivos da pesquisa, além do âmbito das próprias ações do clube de leitura, incluem-se reflexões sobre como incentivar a leitura e a formação de novos leitores; relacionar obras literárias a outros tipos de linguagem, para uma aproximação mais contextualizada ao universo do jovem leitor e proporcionar um espaço mais aberto para diálogos, troca de conhecimentos e partilha de ideias sobre a importância da leitura na educação.

**Palavras-chave:** Clube do livro; educação; formação de leitores; vestibular; leitura literária.

## ABSTRACT

A reading club is configured, in general, as a group of people who meet periodically to discuss readings, with the action of mediators. That said, we start from the hypothesis that, when well used, such a space can become a powerful educational ally by offering opportunities for creative interactions, advice and sharing of information and projects related to reading and education. In this context, we investigated the actions of a reading club as a possible contribution to the formation of readers and to the more consistent reading of mandatory works by pre-university students. Such a contextual cut is justified by the fact that the entrance exam is still an important instrument for accessing higher education in Brazil, even in a scenario of the rise of the National Secondary Education Examination (Enem). Typified as an evaluation in which themes of disciplines addressed in basic education are present, the selection process carries a memory of school relations with universities and a whole policy around a certain intellectual profile expected of the participating candidate. During studies, this candidate also needs to pay attention to the mandatory reading works. Due to the large amount of works requested, and the various literary genres addressed, it is necessary for the entrance exam to plan and organize itself, defining different reading strategies in a short period of preparation for the test. In this context, in our view, is that the reading club can act as an important training space. The investigation was based on authors from the areas of Education and Information Science, in particular, on studies by Petit (2009), Cosson (2014), Andrade (2003) and Barros (2006). As a methodological procedure, we adopted the case study of the Clube de Leitura Vestibulando do Instituto Federal de São Paulo – Campus Pirituba (IFSP-PTB). In the quantitative research, but with emphasis on a predominantly qualitative analysis, we followed seven meetings of this reading club that took place between April and November 2022, in order to verify the supposed effectiveness of the mediation strategy in the formation of these readers and their potential as a tool to help improve mandatory reading for public entrance exams. Among the objectives of the research, in addition to the scope of the activities of the reading club, there are reflections on how to encourage reading and the formation of new readers; relate literary works to other types of language, for a more contextualized approach to the young reader's universe and provide a more open space for dialogue, exchange of knowledge and sharing of ideas about the importance of reading in education.

**Keywords:** book club; education; training of readers; entrance exam; literary reading.

## RESUMEN

Un club de lectura se configura, en general, como un grupo de personas que se reúnen periódicamente para discutir lecturas, con la acción de mediadores. Dicho esto, partimos de la hipótesis de que, bien aprovechado, un espacio de este tipo puede convertirse en un poderoso aliado educativo al ofrecer oportunidades de interacción creativa, asesoramiento e intercambio de información y proyectos relacionados con la lectura y la educación. En ese contexto, investigamos las acciones de un club de lectura como posible contribución a la formación de lectores y a la lectura más consistente de obras obligatorias por parte de estudiantes preuniversitarios. Tal corte contextual se justifica por el hecho de que el examen de ingreso sigue siendo un instrumento importante para acceder a la educación superior en Brasil, incluso en un escenario de auge del Examen Nacional de Enseñanza Media (Enem). Tipificado como una evaluación en la que están presentes temas de disciplinas abordadas en la educación básica, el proceso de selección conlleva una memoria de las relaciones de la escuela con las universidades y toda una política en torno a un determinado perfil intelectual esperado del candidato participante. Durante los estudios, este candidato también debe prestar atención a las obras de lectura obligatoria. Debido a la gran cantidad de obras solicitadas, y los diversos géneros literarios abordados, es necesario que el examen de ingreso se planifique y organice por sí mismo, definiendo diferentes estrategias de lectura en un corto período de preparación para el examen. En este contexto, a nuestro juicio, es que el club de lectura puede actuar como un importante espacio de formación. La investigación se basó en autores de las áreas de Educación y Ciencias de la Información, en particular, en estudios de Petit (2009), Cosson (2014), Andrade (2003) y Barros (2006). Como procedimiento metodológico, adoptamos el estudio de caso del Clube de Leitura Vestibulando do Instituto Federal de São Paulo – Campus Pirituba (IFSP-PTB). En la investigación cuantitativa, pero con énfasis en un análisis predominantemente cualitativo, acompañamos siete reuniones de este club de lectura que se realizaron entre abril y noviembre de 2022, con el fin de verificar la supuesta efectividad de la estrategia de mediación en la formación de estos lectores y sus potencial como una herramienta para ayudar a mejorar la lectura obligatoria para los exámenes públicos de ingreso. Entre los objetivos de la investigación, además del alcance de las actividades del club de lectura, se encuentran reflexiones sobre cómo incentivar la lectura y la formación de nuevos lectores; relacionar las obras literarias con otros tipos de lenguaje, para un acercamiento más contextualizado al universo del joven lector y brindar un espacio más abierto para el diálogo, el intercambio de conocimientos y la puesta en común de ideas sobre la importancia de la lectura en la educación.

**Palavras-chave:** club del libro; educación; formación de lectores; examen de admisión; lectura literaria.

## LISTA DE SIGLAS

ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EMI	Ensino Médio Integrado
IFLA	Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias
IFSP	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LIMAPE	Linha de pesquisa de Intervenção em Metodologias da Aprendizagem e Práticas de Ensino
PROGEPE	Programa de Mestrado em Gestão e Prática Educacionais
PTB	Pirituba
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNINOVE	Universidade Nove de Julho

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>	<b>14</b>
<b>2 O EXAME VESTIBULAR</b>	<b>20</b>
2.1 Histórico do vestibular	20
2.2 A leitura obrigatória no processo seletivo	24
<b>3 A LEITURA E A MEDIAÇÃO</b>	<b>29</b>
3.1 Notas sobre a leitura	29
3.2 O ser leitor	33
3.3 A leitura literária	35
3.4 A mediação da leitura	38
3.5 O mediador da leitura na escola	42
3.6 Clubes de leitura e suas práticas	46
<b>4 PERCURSOS METODOLÓGICOS</b>	<b>51</b>
4.1 O clube de leitura como lugar de pesquisa	51
4.2 O Projeto de Extensão Vestibulando	54
4.3 O Clube Vestibulando na prática.	57
4.3.1 Das pedras do caminho	65
<b>CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>74</b>

## APRESENTAÇÃO

*“Livros! As melhores armas do mundo!  
Esta sala é o maior arsenal que poderíamos ter. Armem-se!”*  
Doctor Who

Como resumir todos os caminhos que me levaram até este momento?

Não me recordo exatamente quando começou a minha relação com os livros e a leitura. A leitura sempre esteve presente em casa. Ainda na primeira infância, lembro das histórias contadas pela minha mãe, dos contos de fadas, da sensação mágica evocada por um pôster que compunha a decoração do meu quarto, no qual destacava-se, em primeiro plano, uma sorridente Chapeuzinho Vermelho na floresta e, nas sombras das árvores, surgia um salivante lobo mau à espreita. Ficava horas contemplando essa imagem e rememorando a narrativa.

Minha primeira coleção de livros teve início a partir da compra do título *Éramos Seis*, de Dupré. O livro solicitado pela professora de português, para a chamada meta de leitura, no início do ensino fundamental, foi adquirido em uma época em que os recursos financeiros eram parcos. Assim, a compra de um livro foi um grande marco, sobretudo naquela pequena biblioteca de apenas seis livros. Não me recordo do nome dos outros títulos que compunham esse pequeno e precioso acervo, mas esta biblioteca teve um lugar especial no quarto e foi mantida por vários e vários anos.

Como a compra era difícil, a solução para manter o hábito da leitura eram as visitas à biblioteca mais próxima. No entanto, esta ficava a cerca de cinco quilômetros de minha residência. Este percurso era percorrido a pé. Íamos, minha irmã (hoje também bibliotecária) e eu, numa caminhada de uma hora, em busca de livros, leituras, apropriação e pertencimento daquele espaço. Passávamos o dia inteiro na Biblioteca Brito Broca, e este espaço de pesquisa, de leitura, de cultura acabou sendo uma forma de introdução à minha escolha profissional, e ainda hoje mantenho uma extrema relação afetiva com este espaço.

Saltando para o ensino médio, época preparatória para os exames do vestibular, tive a oportunidade de estudar no antigo Cursinho da Poli, pioneiro em lançar um pré-vestibular que defendia a democratização do acesso à universidade pública e com mensalidades oferecidas a preços baixos. As aulas de literatura da

Poli e as rodas de conversa literárias mudaram minha forma de encarar a leitura literária e principalmente a obrigatória. Tive contato com obras que até então não eram instigadas ou abordadas no ensino médio regular. Neste mesmo período, um professor de literatura solicitou, como atividade relacionada às leituras obrigatórias, um seminário sobre o livro selecionado pelo grupo. Pensamos, então, em uma apresentação criativa sobre o livro *Dom Casmurro*, de forma a estimular a turma para a discussão da obra. Nesta apresentação, dramatizamos o julgamento de Capitu, no qual os integrantes se dividiram entre advogados de acusação e defesa, a fim de trazer o enredo e os traços do livro. A sala seria o júri e o professor ficaria com o papel de juiz. Claro, ao final da apresentação e após a discussão, não houve uma definição, pelo júri, sobre as acusações impingidas à Capitu. Essa proposta de abordar a literatura de forma diferente daquele formato tradicional, de apresentar a leitura e de compartilhá-la, acabou despertando, juntamente com o gosto pela leitura, a vontade de me embrenhar pelos caminhos da leitura e de sua disseminação, influenciando diretamente em minha escolha profissional.

Em 2002, ingressei no curso de Biblioteconomia da Unesp, em Marília. Dentre as disciplinas que compunham a proposta do curso, as que mais me atraíam eram as voltadas ao usuário e ao universo da leitura. Eu me formei em 2005. Trabalhei como bibliotecária em universidades, em empresas de organização de documentos, em arquivos, até que, em 2009, fui contratada como bibliotecária escolar na rede Sesi de educação básica, na qual atuei por 12 anos. Desenvolvi diversas atividades, sempre voltadas para o viés da promoção cultural e literária, em parceria com os professores de sala. Durante esta jornada, eu me pós-graduei em Gestão Cultural pelo Senac, para ampliar meus conhecimentos, que contribuíram para minhas práticas profissionais.

Hoje, atuo como bibliotecária-documentalista no Instituto Federal de São Paulo, Campus Pirituba (IFSP-PTB), no qual coordeno o Projeto de Extensão Clube de Leitura Vestibulando, instituído em 2022. O Clube Vestibulando é voltado para alunos do Ensino Médio Integrado (EMI) e visa estimular a leitura e análise de obras literárias indicadas para o vestibular de universidades públicas do estado de São Paulo. A metodologia empregada em 2022 consistiu em encontros mensais entre participantes, nos quais as obras literárias escolhidas foram lidas, apresentadas, analisadas e debatidas pelo grupo. Considerando a proposta do projeto, como resultado, esperávamos que esta ação pudesse auxiliar, na preparação da formação

leitora deste vestibulando/pré-vestibulando, a cumprir o programa de leituras, a aumentar o seu repertório e que fosse um momento que permitisse uma maior aproximação entre a comunidade interna e externa do IFSP-PTB. O projeto teve seu período de desenvolvimento finalizado, mas será apresentado novamente em 2023, com algumas adequações necessárias, a partir das experiências no desenvolvimento do ano anterior.

Acredito que minha inquietação com o tema desta pesquisa emergiu ainda como discente do ensino médio regular, quando pretendia prestar o vestibular e me vi em meio àquela extensa lista de leitura, além dos outros conteúdos requeridos para a prova. Em 2004, durante a graduação em Biblioteconomia, desenvolvi um projeto de leitura enquanto estagiária na Biblioteca Municipal de Marília, intitulado Bate-papo Literário. Neste projeto, aberto à comunidade, discutiam-se as obras obrigatórias para vestibulares públicos, com o objetivo de auxiliar os participantes, tanto em relação à lista de leituras quanto à troca de experiências, vivências e angústias. Acredito que a mediação pode ser um importante instrumento para auxiliar esta fase da vida tão decisiva para este público.

De volta ao momento presente, ressalto minha alegria, ao ser aprovada, no início de 2022, no Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) na Universidade Nove de Julho (UNINOVE), compondo a Linha de Pesquisa e de Intervenção em Metodologias da Aprendizagem e Práticas de Ensino (LIMAPE), o que possibilitou aprofundar meus estudos sobre o impacto da leitura na vida dos jovens leitores.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Hão de reconhecer que sou bem-criado. Podia entrar aqui, chapéu à banda, e ir logo dizendo o que me parecesse; depois ia-me embora, para voltar na outra semana. Mas não, senhor; chego à porta, e o meu primeiro cuidado é dar-lhes os bons dias.*  
Machado de Assis

O livro *Bons Dias*, de Machado de Assis, do qual foi selecionada esta epígrafe, reúne as crônicas que o autor, sob o pseudônimo de Boas Noites, publicou na *Gazeta de Notícias*, nos anos de 1888 e 1889. Assim, a obra contém crônicas de caráter narrativo e argumentativo, que tratam de diversos assuntos no campo político, social e cultural. Este gênero permite uma aproximação dos temas do período em que foi escrito com os temas atuais. A referida obra fez parte da lista de leituras obrigatórias para o vestibular da Unicamp de 2022 e foi discutida no encontro do Clube Vestibulando, no mês de setembro de 2022, com o objetivo de auxiliar os pré-vestibulandos em suas leituras obrigatórias.

Após os cumprimentos de Machado de Assis, é aberto este trabalho de pesquisa, trazendo-se um breve histórico para justificar a escolha do clube de leitura como estratégia para as leituras exigidas para o vestibular. É importante ressaltar que o vestibular, ainda, tem sido um importante instrumento de acesso ao ensino superior no Brasil. A proposta, na maioria das universidades brasileiras, modificada ao longo das décadas, preocupou-se em reunir, nas avaliações, os conteúdos ensinados e aprendidos, principalmente na esfera das disciplinas que compõem o ensino médio. Ao longo dos anos, a literatura no vestibular acabou por contribuir para a formação de um público leitor, que, sob a pressão do exame, precisava cumprir determinado programa de leituras (divulgado por meio de listas de obras indicadas) e atender a certa expectativa quanto aos conteúdos mínimos correspondentes a esse âmbito curricular da disciplina de língua portuguesa.

Como única disciplina da avaliação a ter uma bibliografia previamente recomendada, e que recebe alteração periódica, a literatura e as listas literárias, utilizadas até hoje, têm como possível contribuição explicitar claramente a expectativa de uma efetiva leitura de textos e obras literárias, o que, ressalta-se, em tese, permitiria aprofundar a análise e a interpretação dos textos no contexto escolar, orientando o candidato a uma leitura mais minuciosa de determinados textos ou obras considerados essenciais para sua futura vida acadêmica.

Em 2009, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) deixou de ser apenas um instrumento de avaliação do desempenho do estudante, ao fim da escolaridade básica, e passou a ter um caráter seletivo. Atualmente, o Enem é considerado o maior vestibular do país. Isso porque não apenas algumas das principais universidades públicas aderiram ao exame, como as instituições privadas também vincularam suas vagas ao Enem, com a possibilidade de bolsas de estudo. Como resultado, foi suprimida grande parte dos vestibulares tradicionais, e, conseqüentemente, as chamadas listas de leituras mínimas obrigatórias previstas em provas de literatura.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), órgão que desenvolve a prova do Enem, não fornece uma lista de leituras obrigatórias; no entanto, de forma recorrente, determinados conteúdos das obras literárias já foram atrelados a questões da prova, vide divulgação de questão do exame de 2022, na qual trechos da obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, foram abordados. Como o Enem exige dos candidatos uma série de conhecimentos literários, assim como dos vestibulares tradicionais, espera-se do candidato que este conheça os principais títulos de cada escola literária.

Diante disso, devido ao grande quantitativo de obras solicitadas e diversos gêneros literários abordados, tanto para vestibulares tradicionais quanto para o Enem, é necessário que o vestibulando planeje e se organize, definindo diferentes estratégias de leitura, num curto período de tempo, para sua preparação para o exame.

Percebe-se a leitura como um processo de construção do leitor-cidadão, por meio de inúmeras estratégias de ambientação, ressignificação e sensibilização. Assim, parte-se da hipótese de que um clube de leitura – focado nesta temática – pode ser um espaço de potencialidade para o estímulo à leitura, aprofundamento e análise de obras literárias obrigatórias para o vestibular.

Uma vez que um clube de leitura se configura como uma reunião de um grupo de pessoas que se encontram periodicamente para discutir um livro, o Clube da Leitura aparece como uma das estratégias para a formação de leitores. Contando com o auxílio de mediadores, esses espaços podem se tornar um importante ambiente de suporte educacional, ao oferecer a oportunidade de interação, assessoramento, debate de informações e ideias vinculadas à importância da leitura na educação.

Clubes do livro, círculos de leitura, grupos de leitura são algumas das nomenclaturas, entre tantas outras, que identificam espaços de leitura e debates de livros. Visto que são produtos de agrupamentos sociais, com necessidade e propósitos individuais, não é possível generalizar as regras de funcionamento de um clube de leitura. No entanto, em comparação com a leitura e o estudo literário escolarizado – normalmente visando à leitura de textos canônicos, guiados muitas vezes por roteiros de compreensão ou com o objetivo de classificar as obras em períodos ou estilos –, os clubes de leitura buscam, em geral, a fruição da leitura e a discussão de aspectos relevantes para o grupo. (Schmitz-Boccia, 2012).

Refletir conjuntamente sobre os textos lidos contribui significativamente na maneira como os jovens interpretam o mundo, tendo em vista que o processo os estimula a ir além do acúmulo robótico de conhecimentos, como analisar, observar e entender o que foi consumido.

Na busca por pesquisas científicas realizadas por programas de mestrado e doutorado sobre a relação entre incentivo a leituras e clubes de leitura, a expectativa como pesquisadora era ser a primeira a abordar o tema. Se, por um lado, esta busca revelou que se junta a própria voz ao coro de várias vozes que têm se envolvido no estudo do problema da leitura obrigatória para vestibulares, por outro, percebe-se que as pesquisas já realizadas não possuem a especificidade desta temática, ou seja, do cumprimento das leituras obrigatórias para vestibulares e os clubes de leitura como estratégia de apoio para a construção e auxílio mútuo do aprofundamento das leituras entre os participantes pré-vestibulandos. Isto é um ponto a mais a validar este estudo, visto a ausência de pesquisas que tenham tratado este assunto a partir desta perspectiva.

Destacam-se aqui três trabalhos encontrados durante a investigação: Cereja (2004), Menezes (2008) e Andrade (2003). Em sua tese, intitulada *Uma proposta dialógica de ensino de literatura no Ensino Médio*, Cereja (2004) traz à luz a reflexão de que se tornou comum que o discente do ensino médio aprendesse os métodos dos cursos preparatórios para o vestibular, e que o ensino de literatura termina por se firmar em uma burocracia em torno da leitura e memorização de informações, o que acaba por despreparar os alunos para uma análise e uma interpretação do texto mais pormenorizada, levando à deslegitimação do ponto de vista do indivíduo.

No dissertação de Menezes (2008), *Ensino de literatura e vestibular: que leitor espera a Universidade Estadual de Maringá e o que recebe?*, defendida em

2008, a autora traz a análise sobre o perfil de leitor que é esperado pelo exame vestibular da Universidade Estadual de Maringá (UEM), entre os anos de 2004 a 2006. Realizando a pesquisa sob duas perspectivas, Menezes (2008) busca cotejar a proposta do exame e da instituição organizadora (a Comissão Central do Vestibular Unificado – CVU) com o trabalho dos professores e com a visão dos alunos do ensino médio, público-alvo desse sistema. Nesse caso, há diversos fatores contrastantes encontrados, sendo que o universo do ensino médio está sempre abaixo dos parâmetros do vestibular (Menezes, 2008, p. 115-145) e o vestibular (da UEM) cobra alta criticidade dos candidatos com baixos critérios avaliativos (Menezes, 2008, p. 78-115).

A leitura do trabalho de Andrade (2003), *Dez livros e uma vaga: a leitura da literatura no vestibular*, trouxe uma contribuição significativa para a reflexão sobre a literatura indicada nos vestibulares, visto que Andrade investiga se a introdução de leituras obrigatórias nos programas de acesso à universidade ajudam ou não a difundir a literatura e a formar leitores.

Ao revisar a literatura sobre o tema pesquisado, percebe-se vir à tona, recorrentemente, a discussão, que vai de encontro com a problematização que se traz acerca da obrigatoriedade de leituras, com o fim específico para o vestibular, e em relação à formação destes leitores que, pela obrigatoriedade, acabam por criar um bloqueio em relação a estas leituras, visto que esta prática se assemelha, em alguns aspectos, à prática das antigas metas de leitura – a leitura de determinado livro visando a uma avaliação. Exigir que alunos leiam obrigatoriamente uma determinada obra pode provocar um efeito aversivo. Afinal, tudo aquilo feito como uma obrigação tende a ser desagradável e desinteressante. Entretanto, a imposição não se dissocia da educação. E esta sensação pode mudar radicalmente, de acordo com o modo como tal obra é apresentada a este jovem, sobretudo, se esta ação objetiva torná-lo um futuro leitor.

Para além da discussão, posto que a leitura obrigatória ainda está instituída nos principais processos seletivos de universidades públicas, pretendia-se, desta forma, verificar a viabilidade de alguma proposta para auxiliar este discente em sua preparação para o exame.

Neste contexto, investigou-se as ações do Clube de Leitura Vestibulando – Projeto de Extensão aplicado no IFSP Campus São Paulo/Pirituba no ano de 2022 – como um espaço de contribuição à formação de leitores e à leitura mais consistente

de obras obrigatórias, por alunos pré-vestibulandos. Partiu-se, assim, da seguinte problematização: é possível formar leitores, mesmo diante de contextos relacionados às leituras obrigatórias dos vestibulares públicos?

Esta se configura, portanto, como uma pesquisa de teor quantitativo, mas com ênfase em uma análise predominantemente qualitativa, sendo o método adotado, o estudo de caso. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizada a observação dos encontros que ocorreram de forma remota (via *meet*) e presencial na Biblioteca do IFSP-PTB, além de registros fotográficos e relatórios elaborados pelos bolsistas, mediadores dos encontros. A análise qualitativa dos dados se fundamentou nas referências bibliográficas da pesquisa.

Divide-se esta dissertação em quatro capítulos.

O primeiro capítulo, “Considerações iniciais”, traça um cenário introdutório, com alguns dos conceitos e contextos relevantes à pesquisa, de modo a situar o leitor no contexto mais amplo do argumento conduzido ao longo de nossas reflexões.

A fim de trazer à tona a discussão da obrigatoriedade de leituras nos exames vestibulares, no segundo capítulo, “O exame vestibular”, é abordado um breve histórico sobre o vestibular. Para isso, fundamentou-se em Lima e França (2002), Andrade (2003), Cereja (2004) e Menezes (2008), com foco nas leituras obrigatórias exigidas no processo seletivo para os principais exames vestibulares do estado de São Paulo.

O terceiro capítulo, “A leitura e a mediação”, retrata a importância da leitura literária no processo formativo e o trabalho da mediação de leitura. “Leitura literária” aborda a leitura na adolescência e os atos de leitura solitária e em grupo, além de trazer considerações acerca dos tipos de leitores e sobre a leitura recreativa e por obrigação. Em “Clubes de leitura”, é apresentado um breve contexto sobre os espaços de clubes de leitura e suas práticas. Como fundamentação teórica, utilizou-se, principalmente, os estudos de Petit (2009), Cosson (2014), Bortolin e Barros (2006) e Almeida Júnior (2015).

O quarto capítulo aborda o “Percurso metodológico”, traçando os caminhos seguidos para o desenvolvimento do recorte, sendo o clube de leitura como um lugar de pesquisa, o acompanhamento do projeto, a análise dos dados obtidos, assim como os relatos e reflexões acerca do trabalho dos bolsistas-mediadores do projeto.

Nas “Considerações e reflexões”, reflete-se sobre as possibilidades de fomento à leitura para jovens pré-vestibulandos – a essa altura, como tema melhor compreendido –, além de propor novas questões a serem desenvolvidas em pesquisas futuras.

## 2 O EXAME VESTIBULAR

*No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.  
Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas [...].  
Carlos Drummond de Andrade*

“No meio do caminho”, um dos principais poemas de Drummond, retrata a realidade dos pré-vestibulandos em um ano crucial em suas vidas. A superação dos obstáculos diários, emoções, em decisões, angústias e/ou em expectativas, presentes em um ano tão decisivo. Obstáculos estes, ainda presentes também para os educadores e mediadores da leitura. Constando na lista de títulos de leitura obrigatória para o vestibular da Unicamp de 2022, a obra *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade, foi discutida no encontro do Clube Vestibulando no mês de setembro de 2022.

Neste capítulo, discorre-se brevemente a respeito da história e implementação dos vestibulares como exames admissionais em universidades públicas e, posteriormente, aborda-se a leitura obrigatória no processo seletivo para as universidades públicas do estado de São Paulo.

### 2.1 Histórico do vestibular

A discussão em torno do vestibular implica compreendê-lo por meio de duas perspectivas: a primeira é entendê-lo como sistema de avaliação e a segunda, como um processo de seleção. Na qualidade de sistema de avaliação, suas origens remontam ao século XVII, momento em que surge a avaliação no Brasil, juntamente com os colégios e com o ensino de massa, ou melhor, com a escolaridade obrigatória. Como solução para o problema da falta de disponibilidade de vagas para todos, criou-se uma forma de seleção, porém esta solução ocasionou outro problema: atestar a “instrução” de alguns em detrimento da “ignorância” de outros. A segunda visão remonta a 1911, momento do surgimento da Reforma Rivadávia Correia, em virtude da quantidade de candidatos para a Escola Politécnica do Rio de Janeiro e do número de vagas reduzido. Posto por Cunha (1979, p. 35),

Na época do Império, só o Colégio Pedro II tinha o poder de preparar candidatos para as escolas superiores (os preparados pelos outros colégios precisavam provar ter conhecimentos equivalentes). A hegemonia das correntes liberais e positivistas com a proclamação da República fez quebrar esse monopólio do Colégio Pedro II, passando o Estado a “equiparar” a este, colégios estaduais e particulares.

Assim, percebe-se que, para o acesso ao ensino superior, o vestibular foi uma exigência instituída anteriormente à criação da universidade brasileira.

Desde 1911, esse exame se constitui como um artifício do qual as instituições acadêmicas e o Estado se utilizam para controlar o acesso ao ensino superior, com base na capacitância de oferta, excluindo, assim, os candidatos considerados menos qualificados, ou seja, aqueles que não apresentam conhecimentos prévios, percebidos pela universidade como requisito mínimo, caracterizando a forma de avaliação como uma seleção.

Em 1931, o governo sancionou decretos, organizando o ensino secundário. As universidades brasileiras eram ainda inexistentes e, pela primeira vez no país, ocorreu uma reforma educacional, abrangendo todos os níveis do ensino. Segundo Lima e França (2002, p. 128),

Essa reforma, ao modificar o ensino secundário, pretendeu atribuir-lhe um caráter educativo, evitando assim que continuasse como mero instrumento de acesso ao ensino superior. O exame de ingresso, nessa legislação, especializou-se na seleção de candidatos para cada curso, visando o acesso em cursos pré determinados e constituindo-se de provas eliminatórias, aplicadas quase que exclusivamente de modo discursivo.

O ensino secundário passa a ter o currículo seriado e a frequência obrigatória. Interessada na formação geral do estudante, por meio de um currículo enciclopédico, a Reforma fez do ensino médio um curso voltado para uma minoria; a seleção e a exclusão continuaram presentes nesse nível. Além disso, tal formação era dividida em dois ciclos: a) o ginasial (cinco anos); b) o complementar (dois anos). Este último era o chamado pré-universitário, ou seja, uma espécie de especialização mínima para o curso superior que se desejava.

Em 1942, é alterada a estrutura do ensino secundário, dividindo-o em cinco anos de curso fundamental e outro complementar, de dois anos. Em paralelo ao secundário, havia o “Ensino Especializado”, que abria um leque de opções de estudo: o doméstico, o de serviço social, o de profissional agrícola, o da pesca, o

industrial e o comercial. Esse segundo ciclo preparava os alunos para o terceiro grau, mantendo, no entanto, o caráter de seleção ao seu acesso.

Segundo Lima e França (2002, p. 140), “[...] por essa época as provas do vestibular eram discursivas, eliminatórias, muitas vezes complementadas por exames orais ou práticos, dependendo do curso superior pretendido”. O fato de alguns vestibulares solicitarem provas orais passou a demandar grandes críticas com relação à fidelidade do instrumento utilizado para a classificação dos candidatos, pois, para este, era primordial apelar para a memória.

Em 1960, a classe média passou a se interessar pelo vestibular como uma possibilidade de ascensão social; junto com o aumento demográfico da população, ampliou-se o problema do número de vagas nas universidades. Romanelli (2014, p. 197) confirma:

Os candidatos ao ensino superior, que embora aprovados nos exames vestibulares, não logravam classificação para as vagas oferecidas naquele nível, não eram considerados selecionados. Tratava-se de um aspecto decisivo para o estrangulamento entre a relação ensino e vagas, que resultou em um grande excedente.

Em virtude do aumento, outro problema se instaura: a forma de selecionar. O concurso realizava uma classificação que aprovava sem classificar; dessa forma, a insatisfação da sociedade aumentava a cada dia, resultando em movimentos estudantis de contestação à forma de ingresso ao ensino superior. Em 1964, para acabar com os “excedentes” (aqueles que tiravam notas suficientes para serem aprovados, mas não conseguiam vaga para estudar), surgiram mais universidades e o vestibular passou a ser classificatório. Segundo Andrade (2003, p. 25),

[...] embora o vestibular fizesse parte da legislação relativa às mudanças contidas na reforma universitária, como proposta de um exame unificado, as inovações mais consequentes a seu respeito tiveram início em 1964 e foram promovidas pela iniciativa de associações de professores como o Centro de Seleção de Candidatos às Escolas Médicas - CESCEM, vinculadas às instituições de ensino superior privadas. Formada por um grupo de professores da área médica de São Paulo, posteriormente Fundação Carlos Chagas, essa associação propunha a racionalização e o aperfeiçoamento do vestibular no âmbito das escolas médicas.

Para resolver a forma como o vestibular selecionava, o governo criou, em 1968, a Reforma Universitária Brasileira. Essa Reforma introduziu a relação custo-benefício e o capital humano na educação, direcionando a universidade para o

mercado de trabalho, ampliando o acesso da classe média ao ensino superior e cerceando a autonomia universitária. Para que isso acontecesse, algumas medidas foram tomadas: a) a unificação do vestibular por região; b) o ingresso por classificação; c) o estabelecimento de limite no número de vagas por curso; d) a criação do curso básico que reunia disciplinas afins em um mesmo departamento; e) o oferecimento de cursos em um mesmo espaço, com menor gasto de material e sem aumentar o número de professores; f) a fragmentação e dispersão da graduação; e g) o estabelecimento de matrícula por disciplinas.

Dessa maneira, a eliminação surge como um novo dado. No sistema habilitatório, esta era feita antes de preenchidas as vagas e mesmo antes que uma parte dos candidatos concluísse todas as provas. Já no sistema classificatório, ela ocorria para todos os candidatos no mesmo momento, isto é, ao final de todas as provas.

Com relação à forma de avaliar, por um lado, a presença das provas objetivas no vestibular trazia uma velocidade na correção e demonstrava o que existia de mais moderno na época. Por outro lado, os vestibulares foram muito criticados, pois, assinalando a resposta que era considerada correta, o candidato não escrevia.

Nesse período, o vestibular conseguiu dar conta da sua função como instrumento eficaz na abertura da universidade e, junto com o crescimento demográfico e a Reforma Universitária, foi importante para a democratização do ensino superior, até então privilégio dos mais abastados. Por outro lado, comprometeu a visão de um sistema de avaliação como arcabouço cultural, favorecendo uma visão de mero consumo, referendado por seu processo de seleção. Ainda na década de 1970, incluiu-se a redação no vestibular como uma forma de os alunos escreverem mais. Ao final dos anos de 1980 e início dos de 1990, incluiu-se a leitura da literatura como parte do conteúdo obrigatório para as provas de língua portuguesa, com questões de literatura nas provas dos vestibulares.

Dessa forma, se, por um lado, a leitura passa a ser revalorizada como um meio de escrever melhor, por outro, acentua-se a chamada crise de leitura, uma vez que a escrita não melhorou e clarificou problemas relacionados à compreensão da leitura.

Dentro desse panorama, será aprofundada a discussão sobre a inclusão da leitura obrigatória para o vestibular, na seção a seguir

## 2.2 A leitura obrigatória no processo seletivo

Ao longo dos estudos para o embasamento desta pesquisa, percorreu-se o histórico das leituras obrigatórias nos exames vestibulares de forma crítica, elencando e dialogando com pesquisas recentes sobre o assunto. Toma-se a liberdade de resvalar em pontos que, embora não sejam o foco desta investigação, é necessário pontuar para compreender e discutir as propostas e abordagens dadas à literatura no ensino médio. Para se entender melhor tais questões, apoia-se nos trabalhos de Andrade (2003), Cereja (2004) e Menezes (2008), que tratam diretamente sobre a literatura no vestibular.

É importante considerar que o tema leitura no vestibular, especialmente aquele relacionado a indicações literárias, representa um interesse de pesquisa relativamente novo, porém recorrente no contexto da educação brasileira. Embora subjacente à natureza e à história do exame, a leitura só se tornou uma de suas especificidades quando foi incluída no conteúdo da prova de língua portuguesa no início dos anos de 1990.

Trazendo um breve histórico, a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) foram as instituições desbravadoras na elaboração de vestibulares e na implantação da literatura nos exames. A exigência da leitura literária, prevista nos editais para a realização do vestibular, tornou-se notória, por conta da indicação de obras de literatura na forma de listas, atualizadas anualmente.

Proposta pela Unicamp na década de 1980, e reproduzida por outras universidades do país, a lista de textos e obras literárias a serem lidas tentou restringir a gama de possibilidades direcionadas às provas até então. (Cereja, 2004, p. 72).

A leitura desponta como uma alternativa capaz de provocar mudanças. Buscando opções mais eficientes, o vestibular inicia a década de 1990 inserindo a leitura entre seus requisitos, por meio de listas de textos e obras literárias em língua portuguesa. Dentre seus principais objetivos, destacam-se os de servir como possibilidade de ampliação de repertório cultural do aluno e de melhoria de seu desempenho linguístico. A partir da inclusão da leitura entre as suas exigências, e

dos objetivos que a justificaram, o vestibular tornou-se um agente também implicado na tentativa de amenizar a crise da leitura que se disseminava havia algum tempo. Embora não fosse seu objetivo resolver essa questão, a expectativa de que tal fato viesse a ocorrer conferiu às suas indicações um sentido maior do que o de um simples requisito para uma de suas provas. (Andrade, 2003, p. 15).

Para a leitura, que especificamente já enfrenta sérias dificuldades para se manter como um dos valores culturais perenes da sociedade, a inclusão, como exigência no exame do vestibular, representou um meio de restaurar, senão todo, parte do seu prestígio desgastado. Ao ser recolocada em cena, por meio das indicações de leitura “obrigatória”, a leitura adquire o respaldo das instâncias de ensino superior, como legitimação da sua importância, observando-se, desde então, um movimento de resgate de valor, em função de ser abonada pela academia.

A presença de leitura obrigatória – fator este que não segue uma determinação de ordem nacional, mas que é definido somente por determinadas instituições – transmutou o próprio sentido desse exame. De uma prova de seleção para ingresso no ensino superior, ela passou, por um lado, a ser uma instância de avaliação e, por outro, uma instância de mediação. No primeiro caso, avalia o ensino da literatura no nível médio; no segundo, promove a obra e o autor indicados, através de condições materiais para sua difusão e divulgação.

Assim, percebe-se que, modificada ao longo das décadas, a proposta da literatura nos vestibulares, na maioria das universidades brasileiras, tem se preocupado em aproximar os conteúdos aprendidos e ensinados, principalmente no campo das disciplinas escolares que constituem o ensino médio, com uma prática ou uma reflexão inerente àqueles conteúdos, frente aos contextos sociais, uma vez que o exame se propõe a selecionar candidatos ao ingresso no ensino superior, dos quais, supostamente, espera-se a consolidação da atividade crítica no âmbito das diferentes carreiras profissionais.

Em síntese, a literatura nos vestibulares contribuiu para:

- a) presumidamente, a formação de um público leitor, que, sob a pressão do exame, precisa cumprir o programa de leituras (constante nas listas indicadas) e atender a certa expectativa quanto aos conteúdos mínimos inerentes à dimensão curricular da disciplina de língua portuguesa;
- b) a disseminação ou manutenção de determinado modelo de verificação de leituras literárias realizadas a partir das indicações prévias de obras,

interiorizado e replicado pelos candidatos e seus professores, pelos materiais didáticos e pelos cursos preparatórios;

- c) a consolidação de certa abordagem didática, que, no restrito tempo escolar, dá conta de garantir o cumprimento de um programa de leituras e o ensino de certos conteúdos considerados indispensáveis, e dissemina a ideia de que o que é relevante na lida com o texto literário é o que pode ser demonstrado, medido e quantificado, em detrimento de opiniões ou impressões pessoais, no qual a subjetividade deve ser minimizada ou apagada.

Pensar sobre a leitura para o vestibular é pensar também, necessariamente a escola, “[...] lugar onde se aprende a ler e escrever, conhece-se a literatura e desenvolve-se o gosto de ler” (Zilberman, 1988, p. 10). De certo modo, é tratar de um tema no final de um ciclo do processo de formação do leitor, em que a possibilidade de entrar na universidade se apresenta. É um momento em que leitura e vestibular se aproximam pelo limite – isto é, é imprescindível ler – e pela transgressão desse limite, que representa, respectivamente, o encerramento e o ingresso de fases diferentes na vida do estudante e do leitor.

Por ser a única disciplina do exame com bibliografias previamente indicadas, e periodicamente alteradas, a literatura e as listas literárias, utilizadas até hoje, têm como possível contribuição explicitar a expectativa quanto a uma efetiva leitura destes referidos textos, o que, teoricamente, permitiria aprofundar a análise e a interpretação dos textos no contexto escolar, orientando o discente (ou o candidato) a uma leitura mais aprofundada ou “eficiente” de certos textos ou obras consideradas essenciais, frente aos objetivos traçados, no caso, a aprovação no exame para ingresso no ensino superior.

Como anuncia Regina Zilberman (1988), o vestibular acaba por delimitar a perspectiva com que a literatura é estudada. A autora argumenta que este “[...] privilegia a ótica histórica e evolucionista, apoiando-se na bibliografia de tipo historiográfico” (Zilberman, 1988, p. 135). Segundo ela, é em face dessa visão histórica que o vestibular dá mais peso aos autores do passado do que aos do presente e passa a examinar os textos apenas sob o enfoque das escolas literárias ou períodos estéticos.

Nesse contexto, o vestibular indiretamente apontou um processo habitual de leitura literária escolar. Veja-se, por exemplo: numa lista com 10 títulos, seria lido um

livro por mês durante todo o último ano letivo do ensino médio até o dia da avaliação do vestibular, e as questões desta avaliação confirmariam ou não a “eficiência” da leitura realizada (Dalvi; Rezende; Jover-Faleiros, 2013, p. 218). Ao incluir a leitura nas exigências para a prova, o vestibular causou impacto nos diversos setores educacionais, pelo destaque dado à leitura de textos literários e por determinar o tipo de leitura a ser realizada pelos alunos. Esta medida trouxe impacto em relação ao ensino da leitura de literatura na educação básica. Através das indicações, o exame propunha um novo direcionamento para tal ensino, no qual a matéria literária se diversificava e ampliava.

Esse ciclo pouco mudou dos anos 1990 até o presente momento, o que poderia revelar, por um lado, que escolas e professores, nesse modelo, têm visto uma possível elevação dos índices de leitura assim como os elementos benéficos, próprios dela; por outro, frente à concorrência de outros conteúdos a serem estudados em um tempo relativamente curto, corre-se o risco de naturalizar uma prática apressada de leitura e discussão da obra, que acaba por priorizar a análise estrutural e a produção de resumos sobre os aspectos mais importantes das obras. Embora essas práticas possam ocorrer em qualquer ano da educação básica, parecem ser mais evidentes na época do período vestibular.

O contraponto que nos parece necessário, até aqui, frente a este cenário, é que, por princípio, já que se apresenta como um exame de seleção para ingresso no ensino superior, o vestibular não se propõe nem a formar leitores, nem a consignar programas e currículos, nem a moldar propostas didáticas, nem a engendrar práticas de avaliação no contexto escolar – tudo isso são desdobramentos secundários e indiretos de sua finalidade inicial. (Dalvi; Rezende; Jover-Faleiros, 2013, p. 218).

Observa-se, nas pesquisas, que, nos últimos 30 anos, houve uma mudança gradativa, com o objetivo de reestruturar ou abolir o exame vestibular. Assim, é importante incluir também considerações relacionadas ao Enem, apontado como um substituto para o modelo “vestibular”.

Houve também mudanças na forma como a literatura se faz presente nesses exames. Antes, priorizava-se os conhecimentos objetivos, tais como o reconhecimento das características das obras e de seus respectivos autores, assim como das escolas literárias; hoje, a ênfase está na leitura de trechos e fragmentos isolados, que não requerem necessariamente uma leitura integral das obras e que

priorizam, assim, dimensões formais ou técnicas da leitura, em detrimento de uma apropriação pessoal e complexa dos textos literários.

A leitura literária, desprovida de fruição, de prazer, foi sendo submetida ao mapeamento de elementos externos ao literário. Ainda hoje, predomina a tradição metodológica de estudos literários divididos em escolas que apresentavam tipologias fixas, na prática da sala de aula. Atendo-se à questão, Cyana Leahy (2004, p. 55), acrescenta que “[...] os estudos literários nas escolas brasileiras tinham por eixo as características de cada período, escola ou movimento”. De acordo com a autora, “[...] textos e/ou autores que não servissem de exemplificação das tais características eram sumariamente descartados” (Leahy, 2004, p. 55).

Um dos principais entrave ao modelo escolar de trabalho com textos literários, no âmbito do ensino médio, não seja precisamente a existência do vestibular ou do Enem, mas, sim, como destaca Rezende (2013), a ausência de “tempo” para a leitura literária, haja vista a sobrecarga de conteúdos e atividades obrigatórias, e a pouca compreensão da literatura como uma forma de se relacionar com o texto, favorecendo uma visão de literatura que a enxerga como inerente à natureza de certos objetos culturais. Isso se relaciona à permanência de uma escola que prioriza a disseminação de conhecimentos objetivos (“fatos”) em detrimento da formação dos sujeitos para a vida, por meio de relações sociais; que dá prioridade à terminalidade da aprendizagem (impelida pelas avaliações e exames) em detrimento do processo no qual a aprendizagem se realiza.

A partir do exposto, será abordada, no capítulo seguinte, a temática da leitura e sua mediação.

### 3 A LEITURA E A MEDIAÇÃO

*"Liberdade, essa palavra  
que o sonho humano alimenta,  
que não há ninguém que explique  
e ninguém que não entenda"...*  
Cecília Meireles

É trazido o verso de Cecília Meireles para abrir este capítulo sobre leitura e sua mediação. O livro *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, do qual é selecionada esta epígrafe, foi um dos títulos de leitura obrigatória para o vestibular da Unicamp de 2022, e discutido no encontro do Clube Vestibulando no mês de outubro de 2022.

Visto que a leitura permite colocar em discurso quaisquer temas sob um olhar compassivo e empático, ela possibilita, por meio de personagens e histórias, o contato com aquilo que é diverso do contexto do leitor, possibilitando contato com informações, hábitos e culturas diferentes. As possibilidades de liberdade são infinitas, mas, para isso, é necessário mostrar o caminho a esses (futuros) leitores.

#### 3.1 Notas sobre a leitura

A leitura não se limita a apenas uma decifragem de signos e códigos, mas de entender a mensagem e as ideias contidas em um texto; mais do que isso, trata-se de atribuir sentido às palavras escritas/impressas, visto que, de acordo com o repertório individual, cada leitor dá uma interpretação particular ao texto lido. Para Freire (1989, p. 11), “[...] o ato de ler não se limita apenas a decifrar a palavra escrita ou a linguagem, mas é prever e ampliar a compreensão do mundo”.

A compreensão em torno da importância da leitura passa primeiramente pela compreensão de seu conceito. A leitura está direta e intrinsecamente relacionada à interpretação e compreensão e não se limita ao texto escrito. Ela exige que o leitor interaja com o texto, permitindo que o indivíduo assuma uma posição ativa, não como um mero receptor, mas como um coautor do texto que está sendo lido.

Manguel (1997, p. 20) fala que

[...] todos nós lendo a nós mesmos e ao mundo ao nosso redor para vislumbrar quem somos e onde estamos. Lemos para entender, ou

para começar a entender. Não podemos parar de ler. Ler, quase respirar, é nossa função essencial.

A leitura é a principal ferramenta de aprendizagem para uma educação de qualidade e uma cidadania plena, além de ser condição essencial para o desenvolvimento social e humano de uma nação. A leitura de livros simboliza conhecimento, e conhecimento, como nos traz Freire, por sua vez, é libertação e um protagonista essencial no acesso ao conhecimento e à cultura. Transforma, informa, estimula e multiplica. Aproxima as pessoas do que é ser humano em diferentes tempos, espaços, significados, culturas e sentidos.

Assim, a leitura torna-se essencial para a construção de um pensamento no qual o indivíduo a vê como uma prática para explorar e transformar o contexto social a partir de um propósito transformador enredado no diálogo entre seu mundo e a sociedade. Nesta percepção, o leitor busca não se conformar com apenas um modelo mecânico reproduzível. Busca, também, possibilidades de reflexões individuais e críticas que possam conduzir a sociedade a uma equidade da qual faz parte.

Desde tempos imemoriais, a literatura faz parte da sociedade, por meio de seus mitos, narrativas e relatos. As histórias em torno da criação do homem e de como surgiu o mundo concederam ao homem uma identidade coletiva, determinando normas comportamentais e dando sentido à vida. Inicialmente, passado de forma oral, depois por escrito, os mitos e relatos serviram como base para a propagação da literatura em suas mais variadas formas: lendas, canções, fábulas, provérbios e tantos outros modos de uso da palavra fizeram com que essa se transformasse em literatura.

No entanto, atualmente, a literatura parece não ter tanto espaço no cotidiano das pessoas. De acordo com o estudo de 2019, da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, os brasileiros leem em média quatro livros por ano, em contraste com os cinco livros que liam em pesquisa realizada em 2015. O principal motivo para essa diminuição do espaço ocupado pela leitura na vida das pessoas é justificado como falta de tempo, que, conforme os dados indicados pela pesquisa, é uma forma gentil de indicar desinteresse pela atividade.

Segundo a pesquisa, a leitura não é enxergada como uma forma comum de lazer. Quando praticada, é realizada mais pela necessidade de atualização informacional, cultural e/ou profissional do que por prazer. A leitura está abaixo de

entretenimentos como televisão, internet, redes sociais etc. Ler como diversão é atividade referenciada por apenas 25% da população, sendo que, deste número, pouco mais da metade afirma ler regularmente.

Sabe-se que leitores desempenham um repertório de atividades sociais, culturais e até esportivas muito mais diversificadas do que aqueles que não o fazem. Essa diferença entre o comportamento de leitores e não leitores, embora quase óbvia, mostra até que ponto as disparidades estão surgindo entre esses dois atores sociais. Certamente, temos mais leitores nas classes sociais mais privilegiadas e com maior acesso a atividades sociais e bens culturais, mas essa condição apresenta uma perspectiva preocupante: a manutenção desta realidade. Nenhuma sociedade pode elevar o desenvolvimento humano, reduzir a desigualdade social e construir uma democracia sólida se quase metade de sua população não for leitora. Percebe-se que se está longe de ser esta nação de leitores, e os 48% de não leitores, revelados nessa referida pesquisa, confirmam essa distância.

Ainda debruçando-se nos dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, a porcentagem de leitores na população de 11 a 17 anos está diminuindo e permanece em níveis semelhantes nas últimas três edições em que a pesquisa foi realizada. As faixas etárias de 14 a 17 e 18 a 24 têm a maior taxa de declínio no número de leitores. Quando se olha para a motivação para a leitura, a maior parte dos leitores, entre 5 e 10 anos, cita o prazer de ler como um fator importante. Mas se percebe que esta motivação cai significativamente na população de 18 a 24 anos. A partir dessa faixa etária, começam a apontar o crescimento pessoal, as atualizações culturais e os conhecimentos gerais como motivos para a leitura.

Se pouco se lê, lê-se menos ainda literatura, como dito por Cosson (2014). Parte dos livros lidos são obras didáticas, de acordo com o perfil da leitura, em sua maioria de alunos. Quando lido literatura, o texto eleito é o best-seller atual, seguido pela leitura indicada pela escola. Aliás, o professor aparece como o principal mediador da leitura, ainda que os livros indicados sejam majoritariamente didáticos. Para completar essa rápida análise da pesquisa de 2019, a biblioteca é vista pelos entrevistados como um espaço para estudo e poucos indivíduos a veem como um lugar onde se pode tomar emprestado livros de literatura.

Os dados apontam que o prazer pelo ato de ler sofre uma grave crise entre os 15 e os 18 anos. O abandono é normalmente atribuído a fatores ligados ao período da adolescência, à competição que os *smartphones* representam já há algum tempo

e às obrigações escolares, que deixam este jovem com menos tempo livre. Mostrando que este problema não se atém apenas ao território brasileiro, segundo um estudo realizado pela Fundação Germán Sánchez Ruipérez, na Espanha, com base na opinião de adolescentes, professores e bibliotecários, acrescenta-se uma incômoda hipótese a esses dados: a forma como a literatura é ensinada na escola não atenua este processo, mas, ao contrário, acelera-o (Fundação GSR, 2022). Ler por prazer é leitura livre, voluntária, despretensiosa. Certamente, em algum momento da vida, é necessário realizar uma leitura obrigatória por diferentes razões, mas o que não se pode deixar de refletir é que esta é a única experiência de leitura que alguns jovens têm. Sendo assim, não deveria ser uma surpresa que muitos não desenvolvam o interesse pela leitura.

Outro motivo para esse declínio no número de leitores na adolescência, mencionado pelo mesmo estudo, é que, por ser a leitura um ato solitário, os jovens pensam que a leitura os isola. Provavelmente, o maior obstáculo para que os adolescentes continuem a ler é que tendem a associar a leitura ao isolamento, principalmente por ser uma fase da vida onde as relações sociais são de extrema importância. Porém, como ponto positivo, em parte relacionado a essa fragilidade, os jovens atribuem à leitura momentos de relaxamento e de refúgio da pressão produzida pela hiperconectividade.

Esta queda acentuada no número de jovens leitores tem sido motivo de constante preocupação e análise. Cosín Fernández (2022) defende que é justamente nessa fase, a adolescência, que ocorre o distanciamento dos livros, quando estes mais podem auxiliar os jovens.

Dentre os vários motivos para ler, apontados por Cosín Fernández, os principais são: crescimento pessoal e profissional, acessar o mundo, encontrar sentido na vida e abstrair, sendo que este último motivo é o mais comumente difundido e associado ao prazer da leitura. As pessoas são seres socioemocionais e os personagens dos livros, assim como as situações de seus enredos, ajudam-nas a entender o seu mundo. A questão mais importante relacionada à leitura é que ela ajuda a conhecer a própria identidade e a entender como esta se reflete nas ações e decisões que são tomadas em suas vidas.

Os dados relacionados à leitura confirmam o que facilmente se pode perceber sobre o comportamento dos jovens em qualquer centro urbano. Hiperconectados, trocando mensagens incessantemente nas redes sociais, entretidos em jogos

*on-line*, navegando de variadas formas na *web*, os jovens não parecem ter tempo nem concentração para a leitura de livros impressos – hábito que se apresenta aparentemente contrário ao modo dispersivo e irrequieto como se relacionam com os demais produtos e manifestações culturais da atualidade.

Diante dessa pressa desenfreada e torrente de informação consumida em um curto espaço de tempo, (re)pensar e formular o trabalho com a leitura de textos literários na formação destes jovens não deixa de ser um desafio, na medida em que o ato de ler, de certa forma, pede tempo e atenção, interpela a presença do leitor, condições um tanto contrastantes com o ritmo apressado em que se vive, de acordo com o qual a leitura acaba por vezes confinada a uma concepção informativa, deixando de se tornar experiência.

Como aponta Wolf (2019), as mudanças no mundo da leitura estão transformando a maneira como se lê, aprende-se, manipula-se e se retém novas informações. Assim, o cérebro dos jovens leitores não é o que costumava ser. A partir destas mudanças, é necessário que educadores e professores pensem não apenas no futuro dos livros, mas também no que está acontecendo com os leitores que se tem hoje e com os que são formados em nossas escolas.

Incentivar os jovens à leitura envolve também colocar-se no lugar de alguém que não está animado, dando vida ao inanimado. É necessário a criação de ambientes de diálogo e debate, que levem a este público informações para que possam lidar com questões relacionadas a essa fase de grandes transformações, abordando educação sexual, relacionamentos pessoais, ou seja, assuntos de sua vivência, que os incitem ao ato de ler.

Além disso, é preciso manter seus gostos e preferências, não impor, não punir, não recompensar, respeitar a liberdade de escolha e, principalmente, ter acesso ao livro.

### **3.2 O ser leitor**

Do que depende a leitura? Ou mesmo o incentivo desta?

Do exercício de si e do outro.

Ao aprofundar esta reflexão, cabe considerar as condições que levam o leitor a se formar ao longo da vida. Para tanto, faz-se necessário o desenvolvimento de práticas leitoras educativas, críticas, literárias e poéticas, que remetam às memórias

afetivas, de forma que os indivíduos se reconheçam nessas leituras. Quando revisitamos nossas memórias, é possível reconhecer que o que construímos criticamente, em relação ao conhecimento que possuímos, está envolto no que somos e naquilo que experimentamos ao longo da vida.

Em seu ensaio *Educação e Leituras: um passeio pela solidão das estrelas de Marco Lucchesi*, Ana Maria Haddad Baptista (2021) apresenta três tipos de leitores: o leitor de ocasião, o leitor obrigado e o leitor capturado.

Em síntese, o leitor de ocasião é aquele que acompanha os lançamentos literários. Sem uma análise profunda da obra, compra o *best seller* do momento, ou seja, o mais vendável, o mais na moda, o mais replicado nas redes sociais. Não necessariamente lê o livro e, pouco tempo depois, ou mesmo em questão de meses ou anos, este livro vai parar em algum sebo ou biblioteca.

O segundo tipo de leitor é o leitor obrigado, ou seja, leitor escolar que, em sua maioria, lê por obrigação. O processo se dá, via de regra, pelas antigas metas de leitura; ou seja, o professor pede a leitura de um determinado livro e, após essa leitura, é aplicada uma prova, um questionário ou solicitada uma resenha. Nisso, incluem-se os suplementos de leitura, quando o estudante adquire o livro na livraria e a editora já inclui o questionário sobre a leitura a ser feita, assim como os vestibulares.

Tais leitores leem os livros solicitados “decorando” nomes de personagens, perfil psicológico, espaço onde se passa a narrativa, índices que marcam versos de poemas, elementos contextuais, datas. leem os resumos do que anotaram para passar nas provas. Meses ou semanas, após os exames seletivos, os livros “lidos” caem em poços profundos de esquecimento voluntário. Quem sabe um dia a memória involuntária, por algum mistério, traga de volta alguns trechos do que foi estocado. (Baptista, 2021, p. 62).

Já o leitor capturado, como a autora ressalta, é aquele “[...] que vê a leitura de um livro como uma abertura ou linha de fuga, (por lembrar Deleuze), irreversível.” (Baptista, 2021, p. 62).

A leitura deixa o *status* de hábito e passa a ser necessidade. Como a busca do homem pela ilha desconhecida no conto de Saramago, o leitor capturado faz da leitura a sua busca. Os leitores capturados

Sabem que signos literários são compostos por uma parte imaterial, de quem o cria, que comporta um grande grau de subjetividade. Sabem que uma boa literatura é a melhor companhia para os momentos inescapáveis de solidão individual e cósmica aos quais a

condição humana está condenada. Sabem que a liberdade humana pode ser exercida juntamente com as tramas de uma linguagem bem construída. (Baptista, 2021, p. 62).

Trazendo tais questões à discussão desta pesquisa, percebe-se, de imediato, em qual perfil de leitor, o público pré-vestibulando se encaixa, dado o tempo para a leitura e as exigências do exame. Exigências estas que envolvem domínio da língua portuguesa e seus códigos de linguagem, conhecimento das diferentes funções da arte, valor da diversidade, construção de conceitos linguísticos favoráveis à comunicação entre os indivíduos, leitura, interpretação de textos e mecanismos linguísticos.

As provas valorizam substancialmente o domínio do idioma e, por isso, o vestibular é composto de duas etapas de avaliação, mesmo sendo executado em um único momento. A primeira etapa tem um caráter eliminatório e constitui-se de avaliação de habilidades e competências na área das linguagens, por meio de questões objetivas de língua portuguesa, literatura brasileira e a questão discursiva, a redação. A universidade escolhe os livros que comporão a lista de leitura a partir de períodos literários importantes que eles representam, podendo, supostamente, com isso, avaliar o repertório cultural do candidato.

Segundo Jurado e Rojo (2006, p. 41),

[...] o leitor egresso do Ensino Médio deve possuir o desenvolvimento de capacidades como: saber avaliar e interpretar os textos representativos das diferentes manifestações de linguagem; saber julgar, confrontar, defender e explicar as suas ideias. Além de aprender a conviver com a diversidade.

Dessa forma, tem-se o leitor obrigado e almeja-se o leitor capturado. No entanto, é possível formar esse tipo de leitor?

Eis aqui a meta coletiva.

### **3.3 A leitura literária**

Sob a perspectiva de Bakhtin (2018), um texto não é um objeto estático num momento histórico; ele lança seus sentidos e tem sua continuidade nas composições de leitura que suscita. Não cabe ensinar literatura simplesmente perguntando: “O que o texto significa?”, mas sim, e especialmente: “Como o texto funciona em relação ao que significa?” O leitor ou interlocutor interage com o texto, construindo

significado, revelando relações com a linguagem e externalizando conhecimentos e perspectivas anteriores. Ao final de cada leitura, o texto já é um novo texto.

Os textos literários revelam não apenas fatos, mas também a complexidade do pensamento que envolve e permeia esses fatos, diferenciando o indivíduo de cada época e de cada lugar, envolvido em seus processos históricos e sociais. A linguagem literária deixa, portanto, lacunas que os leitores preenchem à medida que combinam suas experiências anteriores à leitura, “atualizando” o ato de ler e valendo-se dos múltiplos significados de um texto literário, para se envolverem em leituras diversas.

Para Larrosa (2000), lemos para descobrir o que o texto “pensa”; então, quando lemos, estamos sendo habilitados a “pensar”. Esses critérios ajudarão a trabalhar a literatura com o objetivo de valorizar o que o texto oferece de novo, de bom, de interessante e não apenas privilegiando as biografias de autores, ou características das escolas literárias, completamente desconectados de uma consciência histórico-social.

Desta forma, a leitura literária permite ao indivíduo descobrir-se em seu papel de interação com o texto.

[...] o texto literário ensina-nos a relativizar as certezas, permite-nos contemplar o leque de possibilidades de realização humana ao longo do eixo temporal ou espacial. Desta forma, a literatura faz-se necessária por ser, de forma ampla, um fator de civilização, uma forma privilegiada de convívio com o passado e com a tradição que fala em nós e por nós. (Navas, 2017, p. 159).

Os mecanismos cognitivos utilizados ao se ler um texto literário são maiores e, por conseguinte, exigem maior compreensão por parte do leitor. A leitura literária sempre exigirá mais do leitor, seja pela observação ao ritmo de um poema ou aos traços psíquicos de determinada personagem, ou mesmo observando o que diz o narrador ou, ainda, percebendo o discurso semioculto nas entrelinhas da narrativa. Por essa razão, muitas pessoas não compreendem determinados textos ou autores por considerarem-nos difíceis ou, ainda, por não compreenderem sua mensagem. Acabam criando um bloqueio em relação ao livro ou ao autor. Entretanto, esse ponto de vista pode mudar a partir do instante em que esse leitor inicia um esforço individual de compreensão leitora ou quando encontra uma figura que pode fazer a diferença nesse processo de compreensão e reflexão textual, que é o mediador de leitura.

E por que, especificamente, o trabalho com a leitura literária é importante? Por que a escolha pelo texto literário e não outro? A leitura literária provoca e exige variados mecanismos de compreensão, podendo o texto literário dar vazão às mais variadas leituras, dependendo das potencialidades, características e gostos de cada indivíduo que o lê, justamente por não apresentar restrições ou finalidades definidas e, sobretudo, por ser a linguagem literária polissêmica, dialógica, capaz de provocar diferentes sentidos e sensações em um mesmo leitor.

Para Rangel, quanto mais prolífico for o diálogo provocado pelo texto no leitor, mais proficiente será a leitura. Esta característica se aplica diretamente à leitura literária, porque

[...] o texto comporta uma concepção que não se esgota nele mesmo, mas no diálogo que provoca com o leitor. O diálogo será tanto mais produtivo quanto mais o texto puder possibilitar condições de identificação do leitor com ele, considerando que o autor, ao criar o texto, não tem objetivo de conformar o leitor, mas de tê-lo como coprodutor, parceiro, dando-lhe também possibilidades de criar outros textos. A obra, então, não é apenas um objeto que apresenta uma visão de mundo acabado, mas um espaço que pode contribuir na formação do leitor reflexivo (Rangel, 2009, p. 27).

Para isso, a escola deve promover o “encontro” entre leitor e texto, permitindo que esse leitor se reconheça na obra, sinta que sua cultura pode estar vinculada com o texto lido. Sendo assim, para a formação leitora, é de suma importância propiciar a leitura de textos literários próximos à realidade deste indivíduo, pois quanto mais familiaridade o texto despertar no leitor, mais haverá predisposição para a leitura; suas expectativas estarão sendo priorizadas em relação ao ensino da literatura.

A leitura literária tem seu espaço próprio e, muitas vezes, aparece inicialmente vinculada ao espaço escolar onde, infelizmente, nem sempre é praticada de forma satisfatória. Sobre a leitura literária na escola, Graça Paulino (2007, p. 56) alerta:

Como a leitura na escola é ensinada e aprendida de forma ligada a diversos discursos e gêneros textuais, especificidades da leitura literária convivem com as de outros tipos de leitura, como a científica, a filosófica, a informativa. Essas leituras, embora diversas e requerendo estratégias diferentes dos leitores, têm pontos em comum, que podem ser trabalhados por professores e alunos. Leitura alguma sobrevive bem como prática cultural, quando censurada ou tolhida por autoridades do Estado, da família ou da escola.

Especialmente a leitura literária requer liberdade, cujo único limite é o respeito pela leitura do outro, que pode apresentar suas singularidades.

Nesse sentido, pode-se levantar alguns questionamentos quanto à importância de trabalhar com a leitura literária, como: Quais as implicações deste gênero textual que o fazem especial, ou mais adequado, para desenvolver o gosto pela leitura? O que envolve o trabalho com o texto e a leitura literária?

A leitura literária é capaz de capacitar o leitor a produzir inferências e a ler o que está nas entrelinhas, nos intervalos entre as palavras, naquilo que não está escrito. Assim, a leitura literária traz novas possibilidades de sentido ao universo do leitor, questiona suas verdades, desestabilizando-o e levando-o a buscar reestruturar-se. O envolvimento com o texto e a leitura literária implica liberdade. Isso significa que não se pode ir direto ao texto com ideias preconcebidas ou imutáveis, pois, em vez de pensar juntamente com o autor, o leitor acaba se fechando somente para aquilo em que acredita, transformando a leitura numa atividade difícil. Se tal leitor acredita que o mundo está absolutamente completo, que nada mais pode ser feito, a leitura não fará sentido algum. É preciso, portanto, tornar significativa a atividade da leitura.

Cabe, então, ao mediador da leitura literária criar condições para que tais leitores possam vivenciar o máximo possível o poder humanizador da literatura.

A seguir, serão discutidos aspectos da mediação da leitura e o papel do educador na formação de leitores.

### **3.4 A mediação da leitura**

Percebe-se que, algumas vezes, a leitura realizada nas escolas acontece de forma mecânica, deixando-se de lado a abordagem crítica e reflexiva, buscando apenas a verbalização dos textos. O professor executa as propostas que o livro aborda e o aluno realiza as atividades impostas. Tais práticas não permitem ao indivíduo refletir sobre sua condição social ou mesmo questionar sua condição humana.

O processo de formação do leitor necessita de uma constante troca. O leitor deve estar aberto à interação e compreensão do mundo do outro, pois os textos, principalmente os literários, possibilitam o efeito de proximidade com a sociedade.

Portanto, ler é mais do que apenas decifrar palavras e atribuir significado ao texto. Ler significa infiltrar texto e contexto de diferentes maneiras e explorar diferentes aspectos. Portanto, cabe ao mediador partir do que o leitor já conhece, levando em consideração sua interpretação e experiência, e apontando para o leitor o que ele desconhece, “[...] a fim de se proporcionar o conhecimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura” (Cosson, 2012, p. 35). Como já apontado, a leitura é uma sucessão de práxis que se estabelecem dentro de uma comunidade, visando à comunicação de seus integrantes dentro e fora dela; portanto, ler é mais do que adquirir uma habilidade, é uma prática social que orienta as relações humanas.

A mediação da leitura se caracteriza pelas relações de diálogo entre os sujeitos, o texto e o ato mediado. É um diálogo que inclui múltiplas vozes e narrativas, de característica dinâmica, flexível e crítica. De maneira dialógica, a mediação pode ocorrer de diversas formas, para diferentes públicos, em ambientes tradicionais de promoção da leitura, como bibliotecas, escolas, livrarias, museus e teatros. Ou mesmo em locais improvisados ou públicos, como salas de estar, praças, jardins e parques. Para Almeida Júnior (2015, p. 25), a mediação da informação é

Toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

Assim, o objetivo da mediação não é achar as respostas, mas suscitar perguntas. A leitura é provocação. É um ato inacabado. Sempre acrescenta algo, sempre em construção e, para isso, é necessário que o leitor se aproprie do que é lido.

A mediação deve levar em conta fatores internos e externos relativos ao texto, ao leitor e ao mediador. Nesse sentido, é necessário estar muito atentos e sensíveis às mudanças ocorridas na infância e adolescência. As características mutáveis relacionadas à época vivida fazem com que a de hoje não seja a mesma de ontem, nem a de amanhã. Alguns aspectos perduram, mas fatores sociais e

culturais se alteram, e se tem, de forma extremamente aparente, uma criança e um adolescente diferentes dos de 10, 15 anos atrás, e estes leitores em formação.

Outra questão é o acesso ao livro. Ainda é pequena a parcela da população que tem acesso a bibliotecas, ao livro e à leitura em suas formas tradicionais ou não. Além disso, o exercício crítico, pedagógico, dialógico e mediador da leitura parece ainda não ser bem compreendido, levando a leitura a acontecer de forma desconectada com a realidade do cotidiano e dos interesses do leitor. Dentro do processo de mudança buscado por educadores, sem dúvida alguma, está o desejo de acesso ao livro e à leitura por todos; no entanto, é importante ressaltar que não adianta somente o acesso ao livro, se não houver um convite sedutor à leitura.

Basta lembrar como se descobre, nos primeiros anos da vida, os livros que deixaram rastros na infância e, talvez, aparecerão nítidas algumas figuras que foram os primeiros mediadores de leitura: mães, pais, avós, adultos íntimos, vozes que liam, que davam vida às páginas de um livro. Durante a primeira infância, quando a criança não lê sozinha, a leitura é um trabalho em parceria e o adulto é quem vai dando outro sentido às páginas. Por isso, os primeiros mediadores de leitura são os pais, as mães, os avós e os educadores da primeira infância e, paulatinamente, à medida que as crianças se aproximam da linguagem escrita, somam-se a outros professores, bibliotecários, livreiros e diversos outros adultos que acompanham a leitura desses jovens. Dessa forma, os mediadores de leitura, consequentemente, não estão somente na escola, mas no lar, nas bibliotecas e nos espaços não convencionais, como os parques, os hospitais, entre outros.

A experiência da mediação não tem uma rota única ou um método específico, portanto, os mediadores de leitura não são fáceis de definir. A princípio, este precisa ser leitor, a fim de estruturar estratégias para que os leitores ampliem suas fontes de leitura e, consequentemente, seu conhecimento. Ressalta-se que, para ser mediador de leitura, é necessário falar de livros com paixão.

O trabalho do mediador de leitura, por mais que seja desafiador, não pode se reduzir a um manual de instruções. Não há modelos para formar leitores ou mesmo mediadores de leitura. No entanto, pode-se apontar estratégias para a construção de uma mediação sensível no cotidiano de professores, bibliotecários, pais, agentes de leitura e outros indivíduos que se dedicam à missão de contribuir com o ato da leitura.

Dentre esses pontos, ressaltam-se as práticas dialógicas do ato de ler, visando o leitor como elemento principal dessa prática, visto como ser que pensa, age, reflete, analisa e decide. Ou seja, o protagonismo é algo intrínseco, tanto do mediador quanto do leitor.

Diante disso, dentre as características necessárias para um mediador de leitura, temos algumas pistas:

- a) antes de tudo, gostar de ler, pois este deve se tratar de um leitor crítico, visto que suas experiências serão compartilhadas no processo de interação com o outro;
- b) gostar de comunicar-se, de falar sobre o que lê, compartilhar seus repertórios e afetividade;
- c) perceber, na mediação, a possibilidade de mudança a ser realizada no cotidiano das pessoas, de modo que estas compreendam o espaço que a leitura ocupa, ou pode ocupar, em suas vidas;
- d) compreender as diferentes fases pelas quais um leitor se constrói e se torna íntimo da leitura, sem exigências, deixando o processo fluir, sem estabelecer juízos.

O texto, em suas diferentes formas e dimensões, com linguagens verbais ou não verbais, é mote para desvelar o ato vivido. Por isso, a leitura precisa ser atrativa, pois ela deve ser reconhecida e (re)significada no sentido mais amplo que esses termos possam ter. Com esse pensamento, pode-se concluir que a leitura é uma prática social exercida no cotidiano da solidariedade, do compartilhamento ou mesmo em momentos de solidão, como um direito do leitor.

O mediador, ao preparar práticas leitoras, deve reconhecer *a priori* os objetivos que deseja alcançar, assim como, ao escolher possibilidades de leitura como livros, gêneros textuais, temáticas e material de apoio para ampliar o diálogo, ter o conhecimento prévio do público a que se destina e de suas competências leitoras.

Além disso, na prática da mediação, torna-se indispensável e sobretudo enriquecedor:

- a) planejar a prática de leitura com antecedência, de modo bem detalhado: textos a serem lidos, ambiências, atividades etc.;
- b) escolher textos adequados à situação e ao nível de compreensão dos leitores;

- c) ler previamente os textos a serem trabalhados;
- d) organizar a ambiência onde se dará o encontro (biblioteca, sala de aula, residência, sala de estar, varanda, quintal, praça etc.);
- e) expor livros e outros materiais de leitura, de modo que possam gerar atração e curiosidade;
- f) estimular o grupo para gerar interação com as obras e a temática apresentada;
- g) conversar informalmente com os participantes sobre livros, leitura e assuntos diversos;
- h) elaborar atividades dinâmicas e criativas;
- i) relacionar a leitura a outras mídias e possibilidades: música, teatro, dança etc.
- j) dar autonomia aos leitores para partilharem suas histórias, leituras e narrativas, bem como exporem posicionamentos.

A mediação da leitura não se encerra na prática desenvolvida. Ela deve ir ao encontro dos interesses do leitor, como passaporte para novas leituras, interpretações e desdobramentos.

A ação mediadora é um processo de interação entre o leitor, o texto, o mediador e o outro. Tal ação ocorre (ou deve ocorrer) permeada pela circulação de ideias entre os sujeitos, em meio à troca de experiências e opiniões.

Em suma, o mediador precisa refletir constantemente sobre leitura, estudar o tema, pensar no que é literatura, por que faz mediação, quais são suas metas, e buscar formas de se aprimorar nesse trabalho. Deve conhecer as nuances implícitas na leitura e na sua divulgação. Precisa pesquisar, planejar sua atuação, criar espaços de acolhimento e troca.

### **3.5 O mediador da leitura na escola**

As escolas têm uma forte relação com os leitores, em seu processo de construção, principalmente quando prevalece a escassez de bibliotecas; assim, o enriquecimento literário, por parte do discente, depende também da criticidade do professor, que, por meio de seu conhecimento literário, conduz o aluno à ampliação de seus horizontes.

As experiências de leitura dos professores enriquecem as habilidades do aluno leitor e aguçam sua capacidade de refletir sobre suas vivências e a experimentar novos mundos, que lhes permitam pensar profundamente sobre suas experiências reais, em convergência com suas experiências literárias, assim como suas experiências com o outro. Portanto, o universo do leitor se expande por meio da prática da leitura, que possibilita que os sujeitos interajam entre si, compartilhem experiências e enriqueçam suas vivências.

As práticas de leitura e alfabetização de crianças e adolescentes, por meio de textos ficcionais, proporcionam aos alunos uma ampliação do aprendizado, pois retiram o leitor dos aspectos apenas funcionais e gramaticais do texto.

As possibilidades de contato são infinitas. É interessante notar que cada abordagem prioriza uma visão particular dos fenômenos literários. O fato de que essas práticas permeiam ideias sobre a própria literatura e linguagens comuns, muitas vezes, não é levado em conta na comunicação literária e na análise de textos literários. No entanto, essas perspectivas orientam não apenas as experiências pessoais, mas também os modelos pedagógicos e socioculturais.

O papel do professor, na qualidade de mediador da leitura, é de extrema importância, uma vez que este tem a capacidade de pontuar os critérios a serem analisados e de buscar novas metodologias a serem exploradas, possibilitando a condução para problematizações da leitura e os questionamentos que ela suscita aos leitores, estimulando a capacidade crítica e argumentativa de seus alunos.

No entanto, diante do acúmulo de atividades, da especificação cada vez maior dos estudos e da complexa rede de competências em que se tornou o trabalho em sala de aula, os professores estão se distanciando desse prazer primeiro e fundamental da leitura. Antes vêm os planos de aula, os exercícios, as provas, o planejamento, entre outras tantas atividades. Nas aulas de literatura, que seriam o espaço privilegiado desse exercício, lida-se com trechos fragmentados de textos que pedem uma leitura rápida, dissociada do melhor que as palavras podem oferecer.

Por outro lado, diferente da função desenvolvida pelo professor, o papel educativo do bibliotecário, no ambiente escolar, é auxiliar a comunidade escolar/acadêmica no uso adequado das fontes de informação, para construção de uma base sólida, a fim de que esse indivíduo usufrua do conhecimento. Enquanto mediador, o bibliotecário tem duas funções fundamentais. A primeira é educativa e a

segunda cultural. A educativa usa o livro como um meio de interação, assim como a biblioteca, a informação e a busca do conhecimento. A cultural complementa a educação formal, amplia o repertório e ideias acerca do mundo em que esse leitor está inserido, por meio de múltiplas possibilidades de leitura.

A biblioteca, em uma definição mais clássica, é definida como um espaço de armazenamento do conhecimento e das memórias da humanidade. Essa percepção limita as demais funções importantes das bibliotecas, que, além de guardar e preservar a cultura e o conhecimento, atuam como espaço de acesso e disponibilização da informação, do livro e da leitura. Também por conta de uma atuação mais voltada aos serviços de tratamento técnico, que igualmente são importantes nas rotinas de funcionamento de uma biblioteca, mas que podem acabar por deixar de lado o contato com atividades de mediação ou formação de leitores.

Deste modo, a mediação da leitura é um ponto importante e que precisa possuir destaque nas práticas e serviços realizados nas bibliotecas. Pois, ao realizar o fomento à leitura, a biblioteca está presente na construção de uma relação entre o texto e o seu leitor, como também contribui no processo de democratização do acesso à informação e ao conhecimento. Contudo, existem hoje muitos obstáculos a serem transpostos, para que haja de fato uma efetiva interlocução entre a mediação da leitura, a biblioteca e o acesso à informação. Entre esses desafios, podemos citar a desvalorização e a falta de apoio a essas instituições, sejam elas públicas, comunitárias ou privadas. Até mesmo o desconhecimento sobre o que é e quais as potencialidades dessas bibliotecas contribui para que algumas pessoas ainda as vejam como meros depósitos de livro, quando na realidade elas são centros difusores da cultura, da leitura, da informação e do conhecimento e, por isso mesmo, fundamentais na construção de uma sociedade leitora, crítica, reflexiva e consciente.

Pensar a mediação e promoção da leitura requer conhecer as principais demandas, necessidades e características do público, bem como o planejamento e desenvolvimento de projetos, serviços e atividades adequados ao processo de ensino e aprendizagem. É importante que esse espaço de leitura seja convidativo, acessível e que os títulos estejam organizados de modo a facilitar a sua localização. Também é fundamental que a biblioteca conte com acervo variado e atualizado, contemplando diferentes gêneros literários e públicos de diferentes faixas etárias.

A disponibilização de livros e espaços de leitura já é um caminho, mas não garante a mediação da leitura. A mediação, na biblioteca, começa com as atividades-meio (seleção de livros) e leva às atividades-fim (ações ligadas à leitura, como clubes de livros, contações de histórias etc.). Ambas as atividades necessitam ser desenvolvidas com a consciência de que, como mediadores, cabe aos bibliotecários criar soluções, aprimorar experiências e perceber que o leitor tem uma porta diante de si rumo à leitura e ao conhecimento, porta essa que pode vir a ser larga ou estreita. (Barros; Bortolin; Silva, 2006).

O desenvolvimento de atividades e projetos de leitura na biblioteca escolar pode contribuir para a melhoria do ensino como um todo. Campello (2015, p. 21) ressalta que a noção de leitura, empregada em tais ações, precisa ser compreendida em suas inúmeras dimensões,

[...] como instrumento de aprendizagem contínua e autoeducação, de aperfeiçoamento da linguagem, de experiência estética, de antecipação e ordenamento de vivências emocionais, além de fator de desenvolvimento do espírito crítico, da personalidade, da capacidade de partilhar experiências, de domínio de questões éticas, morais, sociais e políticas, dentre outros.

Nesse ponto, enfatiza-se a importância da promoção de práticas de leitura realizadas por meio da biblioteca escolar, de modo que essas práticas sejam alicerçadas em uma educação reflexiva que promova encantamento pela leitura, subsidiando o desenvolvimento de competências informacionais para além do ambiente escolar e com visão crítica.

O bibliotecário e o professor devem trabalhar em conjunto no processo de aprendizagem, contribuindo para o bom rendimento dos alunos no ambiente escolar. O envolvimento do bibliotecário no planejamento curricular com o docente, com sua efetiva participação nas atividades educacionais propicia uma gama de oferta das novas formas de aprender, de ler e no desenvolvimento de habilidades destes discentes.

É preciso que a vivência de uma comunidade de leitores não se restrinja apenas aos alunos, mas possa envolver toda a comunidade escolar. É preciso que a escola encontre espaço para promover, entre seus profissionais, a análise de bons textos, discutindo os diferentes recursos utilizados pelos autores e os efeitos de sentido que provocam nos leitores, as relações que podem ser estabelecidas entre

as obras conhecidas e quais são as mais ricas para o trabalho com a língua e a linguagem.

Mas, realmente, isso é feito na escola, na biblioteca, na rotina familiar? Os educadores, pais, bibliotecários, professores, são os mediadores mais frequentes, numerosos e zelosos da leitura. Nesse sentido, é importante que, como mediadores, tenha-se um conhecimento teórico da leitura e da literatura que dê competência e habilidade; que se tenha um conhecimento profundo sobre o acervo, o livro disponível, os lançamentos editoriais; que se conheça a crítica, mas que também se faça a própria análise, para que se tenha um norte para a oferta, para a recomendação, para o processo de mediação da leitura, tanto em nível individual quanto coletivo.

Leitura-estudo, leitura-ficção, leitura-informação. Lê-se diversos e diferentes textos, lê-se de diversos modos, lê-se para conhecer o texto que desafia e que responde a uma demanda específica, lê-se para aprender a ler. Todos são leitores, em maior ou menor medida, até mesmo leitores que não sabem ou que não podem ler o alfabeto; leitores do mundo, como disse Freire.

### **3.6 Clubes de leitura e suas práticas**

Antes da apresentação das especificidades desta pesquisa, discorre-se para o leitor sobre os clubes de leitura, seu espaço, suas propostas e práticas.

Os clubes de leitura, por terem caráter, em muitos casos, informal e com muitos modos de realização, apresentam-se como um campo pouco explorado, principalmente no Brasil, e constituem relevante objeto de pesquisa no campo da leitura. A revisão bibliográfica revela que os clubes têm definições diversas, mas com características comuns. Para a compreensão do que vem a ser um clube de leitura, busca-se identificar e organizar, em categorias, os traços mais comuns deste tipo de programa.

O primeiro elemento é o que se entende por clube de leitura. Mesmo com definições divergentes, é possível encontrar características comuns, em diversos autores, sobre a função da leitura e, por consequência, sobre os objetivos do ato de levar a ler.

Cosson (2014, p. 40) entende que, quando um grupo de pessoas se reúne com o objetivo comum de discutir a leitura de uma obra em qualquer local – dentro

da escola, em bibliotecas, cafés, livrarias, na casa de amigos ou mesmo em grupos *on-line* – se está diante de um círculo de leitura. Embora a definição não seja detalhada, o autor vê esse encontro como uma poderosa medida de promoção da leitura, que aumenta a discussão e a compreensão da obra por meio da interação. O clube estaria desobrigado de obrigações formais e de atividade expressa como desejo de ler o que é legítimo no coletivo. Sua ideia de clube de leitura, definida como o movimento elementar de um grupo que se reúne regularmente para discutir obras literárias, perpassa a reflexão de outros autores.

Álvarez Álvarez (2016) lembra que os clubes de leitura são redes de pessoas que se reúnem para comentar uma obra escolhida no grupo, para a qual os participantes ou o coordenador do clube estabelecem um prazo. Ele acrescenta que esses espaços são lugares de liberdade, abertos a pessoas de todas as idades, gêneros, culturas e formações acadêmicas, que podem dialogar de forma igualitária e democrática.

O que se destaca dessas definições é a experiência pessoal e individual dos participantes de se depararem com uma obra literária, a mobilização de sua experiência, que se expressa em relatos identificados com as narrativas em questão. Álvarez Álvarez coloca o clube de leitura como um espaço para onde os participantes levam suas experiências e, durante as reuniões, vivenciam outras novas, ao entrar em contato com outros participantes em um diálogo relacionado à temática do livro.

As reuniões periódicas promovem contato contínuo entre os seus membros, criando um ambiente possível para a construção de um espaço de interação, no qual o indivíduo possa sair do isolamento, expondo opiniões, conhecendo outros pontos de vista, apropriando-se do texto de maneira mais ampla do que faria isoladamente.

O epicentro dos encontros de um clube de leitura é o compartilhamento das ideias e impressões sobre a obra, momento este em que é propiciado um ambiente de troca, releitura, aprendizado, possibilitando conhecer diferentes pontos de vista, aprofundando o entendimento sobre a obra literária e o ato de ler. Tendo isso em vista, Schmitz-Boccia (2012) ressalta o respeito entre os envolvidos, pois a aceitação e validação de interpretações pessoais proporcionam uma compreensão mais completa da obra em questão e intensificam o interesse em explorar o mundo por meio da leitura.

O ato da escuta do outro altera as primeiras impressões da leitura feita anteriormente ao encontro, e as falas ouvidas passam a fazer parte de uma nova compreensão. Consequentemente, a discussão e o diálogo acerca da leitura, que são atividades centrais nas reuniões do clube, mudam a compreensão pessoal de cada participante, podendo aprimorá-la, expandi-la ou confirmá-la.

As posições iniciais se reestruturam durante e após cada encontro. A fala do outro afeta e repercute em cada indivíduo presente na discussão, e continua repercutindo após o término do encontro, sendo este um processo que contempla distintas vozes.

Bortolin e Almeida Júnior (2011) contribuem para a percepção da heterogeneidade dos clubes de leitura, especialmente no que diz respeito à composição de clubes de leitura organizados em ambientes não institucionais, enfatizando a presença de participantes com diferentes experiências de leitura.

De acordo com Bortolin e Almeida Júnior (2011, p. 7),

Clube de leitura é toda iniciativa de um grupo de leitores experientes ou iniciantes, tendo como característica básica a realização de reuniões periódicas, presenciais ou virtuais com a finalidade de ler e discutir determinado texto/livro, em sua maioria, literários.

Os autores pontuam o fato de que a criação de um clube de leitura pode surgir tanto a partir do interesse de pessoas com a experiência de leitura literária quanto de pessoas em aproximação inicial com a leitura e os livros, com reuniões presenciais ou virtuais, permitindo a abrangência ampla de participantes e evidenciando um viés importante para os clubes de leitura na atualidade: distintas possibilidades de participação. Barbeiro e Gamboa (2014) destacam a livre circulação da palavra que, além de promover a troca de experiências e a criação de um espaço democrático, possibilita que os envolvidos se expressem livremente nos debates.

Devido à sua ênfase na sociabilidade e interação, os grupos de leitura podem ser considerados como espaço de lazer. O aspecto recreativo dos grupos é enfatizado através da associação da leitura com prazer e descomprometimento, o que pode ser atraente para indivíduos, especialmente mais jovens, que muitas vezes veem a leitura como uma obrigação, marcada muitas vezes pela experiência escolar.

Ao relacionar a leitura ao prazer, Agustín Lacruz e Morera Gracia (2016) presumem que o clube de leitura permitiria o acesso à cultura de forma lúdica, visto

que estes espaços fortalecem os vínculos dos participantes com bibliotecas, bem como seus interesses em atividades culturais, além de movimentar o mercado editorial. Outrossim, há ganho em relação a aspectos políticos, destacando a importância de maior participação do indivíduo no meio social, não como consumidor, mas como cidadão, e o papel da leitura e da escrita nesse sentido.

Daí a importância da existência de lugares onde, por meio de uma prática socializada da leitura, a apropriação da cultura escrita é possível, onde os participantes atuam como sujeitos ativos de um processo que lhes permite descobrir, de um lado, suas potencialidades como leitores e escritores, condição necessária para acessar a cultura escrita. (Castrillón, 2007, p. 9).

Dessa forma, as atividades no clube podem ser planejadas com o objetivo de desenvolver não apenas habilidades de leitura, mas também formar um indivíduo consciente da relevância da leitura e escrita, capaz de superar discursos superficiais de incentivo à leitura e enxergá-la como uma conexão com sua própria realidade. Assim, o participante se torna mais do que alguém que debate livros e narrativas, mas alguém que reflete sobre a vida e seu contexto social.

Entre as diversas particularidades que os clubes de leitura possuem, uma é universal: a existência do mediador, cuja importância deve-se ao fato de que suas funções no clube perpassam o animar e organizar as atividades do clube. Ao mediador cabe buscar proporcionar não só acesso à leitura, mas também garantir acesso a variados bens da cultura, de modo a promover discussões e reflexões acerca dessas obras no âmbito individual e coletivo, assim como assegurar um ambiente acolhedor, seguro e respeitoso para as conversas. É preciso lembrar que o mediador de clubes de leitura não é um professor e seu papel não é o de ensinar, mas sim o de coordenar as atividades e incentivar o grupo a ler e interagir.

Os clubes de leitura apresentam diferentes modos de operação, que variam em função de seus objetivos, público, vínculo institucional. Mas, de maneira geral, apresentam traços comuns em sua dinâmica. As ideias até agora expostas indicam, no mínimo, três componentes que parecem formar a estrutura fundamental para a criação de um clube de leitura: o encontro regular de indivíduos, a leitura de uma obra literária e a análise e debate conjunto sobre ela.

A dinâmica dos encontros, de forma geral, é organizada a partir da seleção de um livro, escolhido pela coordenação do clube, ou sugerido pelos integrantes, ou, ainda, com base em um tema central, visando a um objetivo específico. Inicialmente,

a obra é apresentada ao grupo, com informações sobre a autoria e o contexto de publicação, seguida pelo compartilhamento de trechos pelos participantes ou mesmo pelos comentários que podem ser elencados pelo mediador ou que surjam naturalmente no grupo.

Por último, é importante destacar atividades que complementam o viés da leitura e frequentemente são realizadas em clubes, tais como projeções de vídeos relacionados aos temas dos livros discutidos, exibição de filmes baseados em obras literárias, contação de histórias, encontros com autores, ilustradores e profissionais da área editorial, passeios a museus e teatros, dentre outras atividades culturais.

Nesta subseção, são apresentados os aspectos identificados na revisão bibliográfica, relevantes e comuns aos clubes. A partir disso, percebe-se que a possibilidade de diversificação no contato com a leitura é um importante elemento para que o clube de leitura seja um espaço em que o leitor, ao ser desafiado, encontre-se com obras que, por si só, não conheceria.

Nessa perspectiva, trazendo para o universo desta pesquisa, a intenção do clube de leitura não é meramente sugerir leitura, mas sim compartilhar vivências de diversas narrativas, com o intuito de enaltecer a prática de leitura dos adolescentes que já possuem esse hábito e atrair aqueles que ainda não o possuem. Ademais, valorizar a biblioteca da escola como um espaço de compartilhamento de leituras, desafiando os jovens a conhecer seu acervo literário e encontrar novas possibilidades de leituras. De acordo com Maria (2016, p. 45),

[...] a educação do gosto se faz por encontros, aos poucos, paulatinamente. E, se no início o jovem se apaixona pela história e pelos personagens, se chega à última página tendo a curiosidade como dínamo e os lances do enredo a acioná-lo, quando acontecer o contato com as grandes obras da literatura, este jovem já terá um referencial para comparação. [...] que o prazer da leitura é ingrediente básico, fundamental e indispensável na formação de leitores, não acho justo esperar que estudantes com pouca ou nenhuma leitura de obras literárias, às vezes nenhuma leitura de livro algum, comecem a ler pelas obras-primas.

O clube de leitura procura incentivar nos jovens aquilo que é mais relevante nessa etapa de seu desenvolvimento, como a curiosidade e a vontade de descobrir coisas novas. Um dos propósitos desse ambiente de interação, igualmente, é oferecer a eles momentos agradáveis de contato com a literatura e encorajá-los a compartilhar essas vivências com outros jovens por meio do clube de leitura.

Na próxima seção, serão abordados os percursos metodológicos seguidos até aqui e o Clube de Leitura Vestibulando em sua ideia, expectativa e prática dentro da Biblioteca Carolina Maria de Jesus do IFSP-PTB.

## 4 PERCURSOS METODOLÓGICOS

*As ideias, todos sabemos, não nascem na cabeça das pessoas.  
Começam num qualquer lado, são fumos soltos, tresvairados,  
rodando à procura de uma devida mente.*

Mia Couto

*Terra sonâmbula*, obra da qual foi selecionada esta epígrafe, foi um dos títulos de leitura obrigatória para o vestibular da Fuvest de 2022, e discutido no encontro do Clube Vestibulando no mês de junho de 2022. O foco da obra de Mia Couto, neste livro, é traçar um panorama de Moçambique, após anos de guerra civil no país, uma guerra sangrenta, que durou cerca de 16 anos (1976 a 1992) e deixou 1 milhão de mortos. O objetivo central é revelar os horrores e desgraças que envolveram a guerra no país. Como um ponto de discussão e amplificado por um espaço de diálogo, ou seja, um clube de leitura, é possível aprofundar as discussões sobre a temática abordada pelo livro, trazendo uma aproximação entre o leitor e uma realidade próxima.

Sendo esta uma das possibilidades do clube de leitura, neste capítulo, serão abordados os caminhos seguidos para o desenvolvimento do recorte, com o clube de leitura como um lugar de pesquisa, o acompanhamento do projeto, a análise dos dados obtidos, assim como reflexões acerca do trabalho dos bolsistas, mediadores de leitura do projeto.

### 4.1 O clube de leitura como lugar de pesquisa

A proposta de realizar uma pesquisa que perpassa pela criação e funcionamento de um clube de leitura, a fim de verificar, ao longo desse processo, suas potencialidades como instrumento para a formação leitora, revelou-se um tanto complexa. Desempenhar o papel de pesquisadora e coordenadora do Projeto de Extensão Vestibulando, concomitantemente, trouxe uma série de impasses em relação ao posicionamento e à percepção dos fatos. A consciência disso levou a uma reflexão sobre a quais procedimentos recorrer para compreender a realidade proposta.

Considerando o lugar híbrido ocupado enquanto pesquisadora, e para além da observação e do registro dos encontros do clube, foi feita a coordenação da

organização, orientação e ações do clube, mediadas pelos alunos bolsistas. Esta apresentação da relação com o objeto de investigação revela-se necessária para a compreensão do percurso metodológico e credibilidade da pesquisa.

Assim, por mais que se perceba que as ações realizadas dentro do clube de leitura pretendem ir além da pesquisa, instalando um espaço permanente de discussão e formação em torno da leitura de literatura, destaca-se aqui que esta pesquisa é um estudo de caso, devido às características de sua produção e desenvolvimento, assim como a sua prática. Nisto, a pesquisa se baseia em Yin (2010, p. 32), que aponta que

Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

Esta perspectiva apontou para a utilização de instrumentos de pesquisa que contribuíssem na produção e coleta de dados e ajudassem na compreensão da realidade pesquisada, sem esquecer que “[...] os aportes teórico-metodológicos devem assim se ajustar às condições e aos problemas sob investigação, e não às preferências ou limitações dos pesquisadores” (Brandão, 2010, p. 852).

Deste modo, mesmo com algumas flutuações no uso de instrumentos para observar a realidade e elaborar a pesquisa, percebe-se, conforme as definições apresentadas, que a adoção do estudo de caso como instrumento de análise da realidade foi o que mais se adequou ao objeto. O envolvimento da pesquisadora, mesmo que embrenhado no desenvolvimento do projeto, foi algo necessário e positivo para a realização da pesquisa, visto que trouxe mais segurança para que, neste envolvimento com o grupo, a produção e interpretação dos dados fossem feitas da maneira mais natural e transparente possível.

À medida que os encontros da equipe de coordenação começaram a acontecer, surgiram questionamentos sobre: como as atividades serão desenvolvidas? Como será feita a mediação? Isso trouxe a necessidade de conhecer e compreender as expectativas dos bolsistas quanto ao clube e assim como seus repertórios de leitura, a fim de traçar caminhos que permitissem um consenso sobre os questionamentos e que fizessem refletir sobre como se daria o desenvolvimento da proposta do clube.

Postas estas necessidades, uma das estratégias adotadas foi a observação participante, por entender que ela é

O processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquela associação. (Lofland; Lofland, 1984<sup>1</sup>, p. 12 *apud* May, 2004, p. 177).

May (2004) explica, ainda, que, na dinâmica social em que se vive hoje, é necessário acompanhamento interno a esse movimento, participando dessas mudanças para melhor compreensão das transformações ocorridas no grupo, pois, “[...] quanto mais variadas as cenas de interação que são vistas e as circunstâncias experienciadas, mais se pode entender as ações nos contextos sociais” (May, 2004, p. 177). Por esta perspectiva, percebeu-se de modo mais claro que as mudanças, em qualquer ambiente, acontecem de forma dinâmica e que o recorte feito pelo levantamento dos clubes e a pesquisa bibliográfica, apesar de importantes, não bastariam para responder ao questionamento da pesquisa. Era necessário um olhar atento para percebê-las em seu pleno movimento.

Foi usando os pressupostos da observação participante que foi possível conhecer de perto as dinâmicas do clube de leitura e muitos dos percursos formativos vividos, principalmente por parte dos membros da equipe. A observação permitiu conhecer as dificuldades materiais e subjetivas de alguns participantes e possibilitou que o grupo pudesse traçar alternativas para o funcionamento e para a formação do clube.

Almejou-se, com as ideias aqui discutidas, subsidiar acadêmicos das áreas de Letras, Pedagogia, Biblioteconomia e áreas afins, para que percebam o seu papel na mediação da leitura, para a ampliação da leitura na escola, visto que esse é, e sempre será, o principal espaço estimulador de mudanças no indivíduo. Para tanto, buscou-se na literatura assuntos relacionados com a leitura, a formação do leitor, a ação do mediador, o espaço para a prática da leitura e o clube de leitura, apresentadas nas seções anteriores.

Considerando a participação dos indivíduos, entendeu-se como necessário um processo que possibilitasse que os resultados produzidos no percurso do trabalho fossem convertidos em benefícios para o grupo. Assim, de modo a

---

<sup>1</sup> LOFLAND, J.; LOFLAND, L. **Analysing Social Settings**: A Guide to Qualitative Observation and Analysis. 2. ed. Belmont, CA: Wadsworth, 1984.

apresentar como foram convertidos estes elementos em ações e como elas se refletiram no grupo pesquisado, é apresentada, a seguir, a proposta pensada para a execução do Projeto de Extensão Vestibulando.

#### **4.2 O Projeto de Extensão Vestibulando**

Neste tópico, será apresentado o Projeto de Extensão Vestibulando, desde a sua idealização e os resultados esperados, para, posteriormente, serem analisados a execução efetiva do projeto e os resultados obtidos.

Convém destacar que, antes da instituição do Vestibulando, em 2022, já existia um projeto de extensão, denominado Clube de Leitura Brito Broca, desenvolvido pela Coordenadora do Curso de Graduação em Letras no IFSP Campus Pirituba, em parceria com a Biblioteca Pública Municipal Brito Broca. Nesses encontros mensais, eram discutidos livros de escritores da região noroeste de São Paulo, local onde a Biblioteca Pública está situada. Nessa proposta, percebeu-se que não havia uma integração do projeto de extensão com a própria Biblioteca do IFSP Campus Pirituba. Assim, em reunião com a coordenadora do curso de Letras, foi apresentada a proposta de um projeto de extensão vinculado à Biblioteca do Campus, em parceria com o curso de Letras, focado em leituras obrigatórias para vestibulares, visto que grande parte do público do Instituto é formado por alunos do Ensino Médio Técnico, com idades entre 15 e 18 anos.

Vale apontar, também, que, para o ingresso de discentes do Ensino Médio Técnico no IFSP, é realizado um processo seletivo, comumente chamado de Vestibulinho. Assim, esse discente, integrante do projeto, já possui um histórico (em menor escala) de participação de seleção, assim como possui um histórico de preparação para exames admissionais.

O Projeto de Extensão Vestibulando, desenvolvido em 2022, voltado para alunos do Ensino Médio Integrado, visou estimular a leitura e análise de obras literárias indicadas para o vestibular de universidades públicas do estado de São Paulo. Idealizado pela bibliotecária-documentalista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus Pirituba, o projeto inicialmente contou com a colaboração da coordenadora do Curso de Licenciatura em Letras e previa a parceria com uma escola estadual da região de Pirituba.

Ao longo do desenvolvimento do projeto, previa-se pelo menos dois encontros presenciais para intercâmbio de experiências e informações entre os alunos participantes do projeto do IFSP/PTB e os alunos da Escola Estadual. Encontros esses que visavam a uma troca de experiências e diferentes perspectivas e vivências entre alunos do Instituto e alunos da rede estadual. No entanto, apesar de se ter realizado diversas tentativas e contatos via telefone, e-mail e visitas a escolas públicas da região, não se teve nenhum retorno, o que frustrou a expectativa sobre a possibilidade de mesclar vozes e realidades fisicamente próximas entre esses discentes.

Os encontros ocorreram inicialmente de forma remota, por conta da pandemia da Covid-19, sendo as atividades do grupo Vestibulando desenvolvidas ao longo de sete meses, de abril a novembro de 2022. Posteriormente, os encontros aconteceram no formato presencial, na Biblioteca Carolina Maria de Jesus, do IFSP-PTB.

A metodologia proposta no projeto consistia em encontros mensais com os alunos do Ensino Médio Integrado, quando a obra literária escolhida seria analisada e debatida pelo grupo, sob a mediação de dois bolsistas, estudantes de Letras.

Considerando a proposta do projeto, como resultado, esperava-se que esta ação pudesse auxiliar na preparação da formação leitora deste vestibulando/pré-vestibulando, ajudando a cumprir o programa de leituras, aumentando o seu repertório, e que permitisse uma maior aproximação entre a comunidade interna e externa do IFSP-PTB.

Como metodologia de execução do projeto, propôs-se, como atividade central, as rodas de leitura/conversa, momento em que os alunos se reuniam para ler e comentar as leituras realizadas, sob a coordenação dos mediadores de leitura, ou seja, os alunos bolsistas do projeto. Os encontros foram organizados mensalmente, por meio de uma agenda prévia, para que os participantes e mediadores tivessem tempo hábil para a realização da leitura até a data do encontro. Na ocasião do encontro, previa-se que fossem desenvolvidas atividades de escuta e leitura de trechos das obras, seguidas de observações e comentários dos participantes, ou seja, uma participação ativa dos discentes, estes como protagonistas da própria aprendizagem.

A metodologia do projeto foi trabalhada com o intuito de vislumbrar a melhor maneira de incentivar o trabalho dinâmico, participativo e em grupo. Para tanto, foram contempladas as etapas abaixo.

Preparação do encontro mensal: após reunião entre a coordenadora/equipe do projeto e os bolsistas, estes últimos tinham como atribuição: organizar o material e a estratégia de divulgação do mês; elaborar uma arte visual e publicá-la em redes sociais; realizar a leitura da obra literária do mês; discutir entre si como seria organizada a mediação de leitura; organizar o material de apoio (slides, música, vídeo etc.) que seria utilizado no dia do encontro; e, por fim, apresentar a organização do encontro à coordenação do projeto, para sugestões de aperfeiçoamento.

No encontro: com o evento *on-line*, os(as) bolsistas deveriam abrir a plataforma de encontro com 15 minutos de antecedência e fazer o teste de som, áudio e compartilhamento de tela. No início, os(as) organizadores(as) poderiam fazer uma fala inicial com o objetivo de organizar o evento, como indicar a importância de deixar o microfone desligado (abrir no momento de fala) e indicar como seria organizado o evento. Cabe destacar que em um clube de leitura não há um roteiro fixo, o envolvimento dos(as) leitores “guia” o diálogo. Ao final de cada encontro seriam disponibilizadas duas opções de leitura para votação da obra a ser discutida no próximo encontro.

Após o evento, seria agendada uma reunião entre a coordenação e os bolsistas para a análise do encontro. E, a partir desse diálogo, seria organizado o próximo evento mensal.

Durante toda a realização do projeto, foram desenvolvidas reuniões entre a coordenação e os bolsistas para orientações e alinhamentos dos trabalhos de mediação e divulgação do projeto, como previstos na proposta. Estas reuniões aconteceram antes e após o encontro, mensalmente.

A reunião anterior ao encontro consistia em que os bolsistas apresentassem as propostas planejadas para o encontro mensal; na segunda reunião, o grupo de trabalho realizava uma reflexão sobre o desenvolvimento do encontro, pensando em estratégias para aprimorar o encontro subsequente. Essas reuniões ocorreram ao longo do desenvolvimento do projeto, de forma remota e/ou presencial. Além das reuniões, foram apresentados relatórios pelos bolsistas, visando à avaliação da dinâmica, assim como a autoavaliação no direcionamento das atividades.

Como resultados das atividades propiciadas pelo projeto, esperava-se oportunizar aos educandos um contato significativo com o mundo das linguagens, possibilitando o manuseio de diferentes gêneros textuais, na tentativa de despertar o hábito da leitura, e de fornecer instrumentos que permitissem a sua aproximação mais intensa e permanência no mundo da leitura, porque é fundamental “[...] antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade” (Freire, 1989, p. 8).

Pretendia-se, também, auxiliar o discente na preparação de sua formação leitora, por meio da leitura e debate de ideias e experiências, e no cumprimento do programa de leituras exigido pelos vestibulares públicos do estado de São Paulo. Esperava-se, ainda, que esta ação possibilitasse uma melhora nos alunos e bolsistas do projeto, em sua atuação como multiplicador, quanto ao seu desenvolvimento da retórica, no aumento de senso crítico, assim como instigar um interesse natural em discutir as obras lidas/estudadas.

Essa proposta foi apresentada e selecionada via edital da Coordenadoria de Extensão para desenvolvimento de Projeto de Extensão em 2022, no Campus São Paulo/Pirituba.

No próximo tópico, será apresentado como se deu o desenvolvimento do projeto efetivamente.

#### **4.3 O Clube Vestibulando na prática**

Após a apresentação da proposta, a fim de situar o leitor desta pesquisa, convém apresentar questões operacionais ajustadas para a viabilização do projeto. Inicia-se a partir do processo de seleção dos bolsistas. Assim, será dada luz a esse processo, visto que ele possibilita voltar o olhar em relação ao perfil dos discentes bolsistas que deram andamento às atividades de mediação.

Para dar funcionamento às ações do clube, foi aberto um chamamento, por meio de edital, para a seleção de bolsistas, por meio de entrevista. O perfil procurado para bolsista incluía boa comunicação, ser estudante do curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês, com habilidade comunicativa para mediar encontros *on-line* e presenciais entre os/as participantes e autonomia e protagonismo no desenvolvimento das ações.

A seleção para bolsistas foi amplamente divulgada no Campus, junto à coordenação do curso de Letras, que, por sua vez, replicou aos docentes e discentes do curso. No entanto, foram recebidas apenas 3 (três) inscrições de candidatos, chamados aqui de candidatos A, B e C.

Dentre as perguntas para a entrevista, algumas eram essenciais para a seleção de um bolsista que fosse de acordo com o perfil solicitado, como, por exemplo: facilidade para falar com público, frequência e gosto pela leitura, participação em projetos de leituras e mediação e participação em clubes de leitura. Sobre as respostas dos candidatos: todos se identificaram como leitores assíduos; duas candidatas (Candidata B e C) declararam ter boa comunicação e facilidade em falar com o público; um candidato (Candidato A) sinalizou certa dificuldade. Nenhum dos candidatos tinha histórico de participação ativa ou passiva em projetos ou atividades de mediação de leitura, assim como nunca participaram de um clube de leitura.

Foram selecionadas duas candidatas do curso de Letras que mais atendiam a proposta; no entanto, uma das candidatas (Candidata C) desistiu do processo. Assim foram selecionados um discente do 3º ano (Bolsista A) e uma discente do 4º ano (Bolsista B) de Licenciatura em Letras Português/Inglês do IFSP-PTB, para atuarem como bolsista, com dedicação exclusiva de 20 horas semanais.

Para dar publicização ao projeto, foram postados artigos na página do Campus do IFSP-PTB e no perfil da biblioteca e criado o perfil Clube de Leitura Vestibulando na rede social *Instagram*. Também foi criado um grupo do *WhatsApp* para troca de informação e divulgação das ações para os participantes do clube e uma pasta no *drive* para compartilhamento de livros que já estivessem em domínio público e de materiais complementares para auxiliar nos estudos. Estes canais atenderam ao clube de leitura, no intuito de divulgar tanto as ações do clube de leitura como também tinham por objetivo aliar os meios tecnológicos à promoção da leitura. A criação destas mídias surgiu da proposta dos bolsistas que realizaram pesquisa sobre o tema e desenvolveram estes canais, com o objetivo de ampliar as potencialidades de promoção de leitura do clube.

Para dar acesso aos livros, foi realizado um levantamento dos títulos que faziam parte do acervo da biblioteca. Os que não faziam parte do acervo foram adquiridos via processo de compra. Como a quantidade adquirida pela biblioteca não atenderia a todos os participantes, foi disponibilizado, via *drive*, o livro digital de

títulos que estavam em domínio público ou disponíveis na Biblioteca Virtual Pearson. Para os títulos não existentes na biblioteca, firmou-se uma parceria com a Biblioteca Pública Brito Broca, situada a um quilômetro do Campus Pirituba, para disponibilização das obras, de acordo com a demanda dos alunos.

Vencida a barreira de acesso aos títulos por parte dos participantes, iniciou-se o processo de pré-preparação dos encontros. Por meio de reuniões com a coordenação, foram separadas as atividades de cada bolsista responsável e, a partir daí, construído um plano de trabalho. Como os encontros do clube seriam realizados mensalmente, percebeu-se que o cronograma deveria ser extremamente assertivo, para que houvesse tempo hábil na divisão das tarefas de leitura, pesquisa e preparação de materiais de apoio, caso houvesse. Assim, no cronograma elaborado entre bolsistas e coordenação, ficou definido que, em todos os meses, os bolsistas se organizariam com as seguintes finalidades: na 1ª semana, seria realizada a leitura do livro; na 2ª semana, eles se reuniriam para conversar e se organizar, separando elementos para montar a apresentação e os outros materiais de apoio (músicas, vídeos curtos, textos etc.), conforme necessidade; na 3ª semana, seria feita a montagem da apresentação e preparação de material complementar; na 4ª semana, ficou definida a execução da atividade e elaboração de relatório com os pontos positivos e dificuldades encontradas.

Na divisão dos trabalhos, a parte operacional ficou sob a responsabilidade da pesquisadora e coordenadora do projeto, e a orientação aos bolsistas, relacionada à mediação de leitura, permaneceu sob a responsabilidade da Professora A.

Situado o leitor sobre o processo seletivo e perfil dos mediadores do Clube, assim como outros aspectos operacionais elencados nos parágrafos anteriores, convém destacar que o Clube Vestibulando iniciou suas atividades no mês de abril de 2022, enquanto vigoravam os protocolos de segurança de combate ao novo coronavírus. Assim, considerando que ainda havia restrições para a realização de atividades coletivas, as primeiras reuniões de equipe e os primeiros encontros do clube foram realizados de forma remota.

Na primeira reunião entre a coordenação e os bolsistas, percebeu-se a pouca participação ativa dos bolsistas, deixando claro que não se sentiam confortáveis para manifestar-se e tampouco possuíam reflexões profundas sobre o funcionamento de um clube de leitura e de como desenvolvê-lo. Foi indicado pela coordenadora do projeto algumas gravações de clubes de leitura, disponíveis no

*youtube*, e materiais sobre mediação de leitura, para que os bolsistas se apropriassem da dinâmica de um clube, assim como indicadas algumas possibilidades de atividades de mediação. No entanto, como dito anteriormente, as orientações relacionadas à mediação ficaram sob responsabilidade da professora parceira no projeto.

Nas reuniões entre bolsistas e a Professora A, foi elaborado um roteiro da atividade de mediação, que seria desenvolvido pelos bolsistas, o qual se deu da seguinte forma: fala inicial pelos bolsistas, apresentação, por meio de slides, de aspectos da obra, de pontos abordados pelos vestibulares e, ao final, apresentação de questões sobre a obra lida, que caem em vestibular. Neste momento final das questões, era aberto para fala e dúvidas dos participantes.

Após dois meses decorridos do projeto, a Professora A se afastou das atividades, devido a problemas de saúde. Assim, a pesquisadora/coordenadora do projeto assumiu a responsabilidade de dar continuidade no trabalho de orientação e acompanhamento das atividades.

Identificadas e resolvidas as questões operacionais, foram iniciados os trabalhos voltados à parte prática do clube.

Os três primeiros encontros foram desenvolvidos no formato *on-line*, via *meet*, no qual a média de participantes causou uma certa frustração. Inicialmente, o projeto previa 15 participantes inscritos para participar das discussões. Para isso, foi criado um formulário *on-line* para inscrições e obteve-se interesse de 13 participantes. No entanto, na prática, percebeu-se que seria necessária uma reformulação desta operação. A frequência se mantinha em torno de quatro a cinco discentes por encontro, com a mediação dos dois bolsistas. Assim, essa estratégia deixou de ser adotada, quando se percebeu que a frequência não se manteria e o projeto ficaria fechado numa obrigatoriedade de leituras e de participações. Para tornar mais maleável o desenvolvimento do clube, a frequência em todos os encontros deixou de ser obrigatória, assim como a leitura prévia do título a ser discutido no mês. Isso permitiu ao clube ser o ponto inicial e não final. Este poderia ser um espaço para discussão e aprofundamento da leitura pelo participante que já leu, assim como poderia ser um espaço para fomentar, estimular a leitura para o participante que não leu.

Ao final de cada encontro, os bolsistas também respondiam por escrito um relatório individual a respeito de suas experiências e de seus desempenhos naquela

atividade. Dessa forma, pôde-se analisar o ponto de vista dos mediadores, suas habilidades na condução de suas ações, assim como as dificuldades apresentadas e relatadas. Os relatórios também ajudaram a fazer ajustes ao projeto sobre alguma falha que não foi detectada no início do mesmo. Assim, foi possível acompanhar o desenvolvimento do ponto de vista dos bolsistas/mediadores e do ponto de vista dos leitores participantes do projeto.

A timidez e nervosismo de falar em público também foi relatada pelos bolsistas. Os dois mencionaram que eram estreantes na realização deste tipo de trabalho e apontaram insegurança e um certo despreparo em lidar com discentes, já que seria a primeira vez que liderariam uma experiência de leitura voltada ao público jovem. Esse despreparo, algumas vezes, transformou-se em impaciência, o que, ao longo do percurso do projeto, foi sendo minimizado com a parceria entre a dupla, respeitando-se as individualidades e as dificuldades.

Em diversos momentos, foi pedido que os encontros permanecessem no formato virtual, devido ao facilitador da distância pela Bolsista B, mas principalmente por conta da timidez do Bolsista A. Nos encontros *on-line*, todos os participantes permaneciam com suas câmeras desligadas, incluindo os mediadores. Neste ponto, percebeu-se um afastamento dos indivíduos. Não havia interações ou entrosamento entre os participantes, visto que não se viam.

A dinâmica do encontro seguiu da seguinte maneira, tanto no modo virtual quanto no encontro presencial: no horário agendado para início do encontro, os bolsistas e discentes se reuniam na Biblioteca Carolina Maria de Jesus, acomodados nas mesas circulares e, com o uso de slides, cada bolsista tinha um momento de fala para apresentar aspectos referentes à análise da obra. Após essa fala, com poucas perguntas para estimular a interação entre os participantes, eram apresentadas algumas questões de vestibulares de obras literárias e então indicados vídeos, filmes e leituras complementares relacionados ao livro discutido no encontro. Assim, percebeu-se um primeiro entrave: faltava espaço para a informalidade de um clube, onde há interação, troca de experiências sobre a leitura ou apenas conversas entre os participantes. Os membros participavam apenas em determinados momentos e apenas se questionados.

Nas reuniões entre coordenação e bolsistas, realizadas após os encontros de leitura, foram ressaltadas as práticas de mediação de leitura e as características de um clube de leitura como espaço de interação entre os participantes. E embora não

seja o foco desta pesquisa, cabe um apontamento em relação a este ponto, pois o mesmo chamou a atenção da pesquisadora.

Para dar suporte à orientação, procurou-se, no acervo da biblioteca, pautado na Proposta Pedagógica Curricular (PPC) do curso de Letras, livros que abordam a mediação de leitura para jovens. No entanto, os títulos sobre o assunto são bem escassos e os que abordam a questão da mediação são quase nulos. Foi realizado, pela pesquisadora, o levantamento dos títulos da bibliografia do curso e analisado o sumário de cada título que se referia à temática. Alguns títulos abordam aspectos teóricos e históricos relacionados à leitura de jovens, práticas de letramento para a alfabetização, e sobre a adoção de estratégia de leitura na sala de aula, mas nenhum aborda a mediação da leitura de forma efetiva, suas práticas ou sobre o papel do mediador na leitura, para nortear esse futuro professor. Ao realizar a busca de bibliografia no sistema Pergamum da rede de bibliotecas do IFSP, obteve-se o mesmo resultado. Apenas um livro, que compõe o acervo da biblioteca do IFSP-PTB, trata realmente sobre práticas efetivas de mediação de leitura, e este não compõe o PPC. Esse livro, intitulado *Mediação de leitura literária em biblioteca*, organizado por Jorge do Prado, foi um livro selecionado por bibliotecários e enviado a todas as bibliotecas. Reforçamos que este não é o objetivo do trabalho e o levantamento das informações aqui apontadas, longe de ser generalista, refere-se especificamente à formação dos futuros docentes habilitados em Letras do IFSP-PTB, mas saltou à vista a falta de abordagem sobre mediação no curso de Letras. Ao final, recorreu-se à bibliografia da área da Ciência da Informação, que traz diversos trabalhos relacionados à mediação de leitura para nortear os trabalhos dos bolsistas.

Foram propostas algumas ideias de intervenções e variadas formas de abordagem dos livros e utilização de recursos para o melhor desenvolvimento da prática do clube, respeitando assim suas características. Vale ressaltar que foram dadas orientações, mas sempre pontuada a autonomia dos mesmos para o desenvolvimento da atividade.

No entanto, ao acompanhar as atividades, percebeu-se que o formato dos encontros permaneceu como orientado anteriormente pela Professora A. Quando questionados pela coordenadora, como argumento para a manutenção desta abordagem, os bolsistas citaram a não leitura prévia por parte dos participantes, o que fazia com que tomassem parte do tempo do encontro apresentando o resumo

da obra. Com este tempo extra, pretendia-se focar mais nas questões de vestibulares. Outro argumento utilizado foi que o uso de slides para apresentação seria ferramenta facilitadora e auxiliadora, para que não se perdessem em suas “falas” e que estes resumos mais aprofundados das obras e dos contextos históricos geravam compreensão, debate e questionamentos por parte dos participantes. Segundo eles, os participantes presentes conseguiam chegar na compreensão e reflexão necessária para debaterem as questões selecionadas. Ou seja, os mediadores não conseguiam perceber o cunho conteudista que estavam reproduzindo. Por mais que auxiliasse os participantes a chegar ao objetivo que era o entendimento da obra e a fixar o que era necessário para o exame vestibular, não havia um efetivo trabalho de mediação no projeto. Passava-se o conteúdo, por meio de apresentação (às vezes, contava-se com mais de 30 slides) e, em momentos específicos, abria-se espaço para perguntas e respostas.

Assim, foram desenvolvidos dois encontros de forma remota (maio e junho) e, com o afrouxamento das restrições no Campus, impostas pela Covid, os encontros passaram a ser no formato presencial na Biblioteca Carolina Maria de Jesus.

Nos encontros presenciais de agosto e setembro, permaneceu o quantitativo de quatro a cinco participantes. Em outubro, o projeto foi inscrito como uma oficina na 19ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia do Campus Pirituba. Com a aproximação das datas dos vestibulares e auxiliado pela divulgação do evento, a quantidade de participantes foi de 30 discentes do Ensino Médio Técnico de diferentes anos.

Em novembro, o último encontro do clube foi agendado alguns dias antes do exame da Fuvest. Nesse encontro, houve a participação de dez alunos do 3º ano do Ensino Médio. Todos eles pretendiam prestar o exame e procuravam auxílio para melhorar os estudos relacionados à obra.

Ao longo do projeto desenvolvido em 2022, foram debatidos o total de nove obras obrigatórias, sendo estas apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 1 – Leituras obrigatórias abordadas no Clube Vestibulando

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Mês em que foi discutido no Clube</b>
Quincas Borba	Assis, Machado de	Maio

Terra sonâmbula	Couto, Mia	Junho
Nove noites	Carvalho, Bernardo	Agosto
Bons dias O Marinheiro	Assis, Machado de Pessoa, Fernando	Setembro
Romanceiro da Inconfidência	Meireles, Cecília	Outubro
Alguma Poesia Mensagem	Andrade, Carlos Drummond de Pessoa, Fernando	Novembro

Fonte: quadro elaborado pela pesquisadora.

Por ser o vestibular com maior procura, seis destas obras selecionadas constavam da lista da Fuvest.

Um elemento que merece atenção é a composição da lista de leituras obrigatórias do vestibular do Estado de São Paulo, foco de nossa pesquisa:

- a) Vestibular da Universidade de Campinas (Unicamp) – 2023: Carta de Achamento do Brasil, de Pero Vaz de Caminha; Niketche – uma História de Poligamia, de Paulina Chiziane; Tarde, de Olavo Bilac; Bons dias, de Machado de Assis; Sonetos selecionados de Luís de Camões; Sobrevivendo no inferno, de Racionais Mc's; O seminário dos ratos, de Lygia Fagundes Telles; O marinheiro, de Fernando Pessoa; A falência, de Júlia Lopes de Almeida; O Ateneu, de Raul Pompeia.
- b) Vestibular da Universidade de São Paulo (USP) – 2023: Poemas Escolhidos, de Gregório de Matos; Quincas Borba, de Machado de Assis; Alguma poesia, de Carlos Drummond de Andrade; Angústia, de Graciliano Ramos; Mensagem, de Fernando Pessoa; Terra Sonâmbula, de Mia Couto; Campo Geral, de Guimarães Rosa; Romanceiro da Inconfidência, de Cecília Meireles; Nove Noites, de Bernardo Carvalho

Das nove obras cobradas pela Fuvest, apenas uma delas tem uma mulher como autora (Cecília Meireles) e uma escrita por um homem negro (Machado de Assis). Já o vestibular da Unicamp tem uma composição mais aberta em relação ao da Fuvest. Três obras são publicadas por autoras mulheres, uma por um autor negro (Machado de Assis) e, de forma inédita, foi incluída na lista o disco dos Racionais Mc's, no ano de 2020. Ressalta-se que, dentro desta lista onde figura apenas um autor negro, ou seja, Machado de Assis, este, por muito tempo, sofreu um processo

de embranquecimento, que o tornou palatável e assim possibilitou sua entrada na galeria dos cânones da literatura brasileira.

Evidências dessa desigualdade em torno da academia já estão presentes no processo seletivo, haja vista o modo como as literaturas estão inseridas nos exames vestibulares de universidades públicas e de como isso afeta retroativamente as práticas de letramentos literários do ensino básico.

Pela importância social e individual que os cursos de ensino superior têm, um dos objetivos do ensino médio é a aprovação dos estudantes nos exames vestibulares. Consequentemente, as escolas buscam acompanhar os conteúdos exigidos pelos exames. Particularmente, no campo da literatura, esse efeito retroativo na educação básica é mais acentuado pela existência das listas de obras literárias de leitura obrigatória, que validam determinadas literaturas no ambiente acadêmico e institucional das universidades e das escolas e, ainda, impulsionam o mercado editorial, ao criarem demanda para a compra das obras listadas.

A manutenção desse *modus operandi* nas listas de leituras obrigatórias fortalecem a marginalidade das mulheres, negros e indígenas no mundo da escrita. Dessa forma, grandes obras de autoras e autores não brancos recebem menos atenção na sala de aula do Ensino Médio e deixam de ser conhecidas como parte da trajetória cultural.

Muito além das práticas de linguagem, o letramento literário deve consistir em ato político, que abra a possibilidade de novas interpretações e novos sentidos, de ressignificação de sujeitos, espaços sociais e relações com o mundo, em uma relação dialógica com os leitores e a sociedade.

#### 4.3.1 Das pedras do caminho

Nesse momento, é feito um parêntese neste relato, que se acredita ser relevante para o contexto no desenvolvimento do projeto. Como dito anteriormente, o clube permanecia no formato *on-line*. Assim que foi definida a data para o primeiro encontro presencial, a mesma teve que ser adiada.

Em meados do mês de junho, houve alguns casos de assédio sexual, envolvendo alunas e alunos do Ensino Médio Integrado (público-alvo do projeto Vestibulando). Dentre as intervenções e devolutivas dos estudantes e servidores para o não silenciamento e a conscientização dos atos, ocorreram diversas

manifestações em apoio às vítimas, assim como atividades de discussão e acolhimento dos(as) estudantes. No entanto, como represália a essas atividades e manifestações, o Campus do IFSP-PTB recebeu uma grave ameaça de massacre voltada para alunas e servidoras que encabeçaram as atividades, assim como também prometia vingança a toda comunidade escolar/acadêmica.

Tal ameaça, que ganhou grandes proporções por meio da cobertura midiática, trouxe a toda a comunidade um grande estarrecimento, deixando a todos desorientados, envoltos num clima de terror. Muitos estudantes e pais ficaram temerosos em enviar seus filhos, por não saber se a ameaça chegaria a vias de fato.

Como dito anteriormente, naquele momento, as restrições para atividades presenciais, devido ao combate ao novo coronavírus, estavam começando a ser afrouxadas, algo que se aguardava com grande expectativa, dada a seriedade com que se encarava a pandemia. Foram realizadas diversas reuniões entre servidores, para a tomada de decisões relacionadas às aulas e atividades presenciais. E assim, novamente, as aulas presenciais foram suspensas. Alunos e professores voltaram ao ensino remoto e os servidores foram colocados em teletrabalho. Além disso, toda a comunidade, extremamente abalada e já fragilizada pelas consequências da pandemia, perguntou-se sobre o que aconteceria dali para frente.

Os bolsistas, mediadores do projeto, não se sentiam seguros, assim como os alunos participantes da atividade. Desta forma, o encontro do clube de leitura do mês de julho, previsto, finalmente, para ser realizado de forma presencial, foi adiado para o mês de agosto.

Ao longo do mês de julho e agosto, ocorreram reuniões entre os servidores e a direção e entre pais de alunos e direção do Campus. Esta última orquestrou e apresentou as medidas de segurança adotadas para a proteção de todos. Algumas de ordem direta, como instalação de câmeras, contratação de vigia para revista individual e a presença de viatura no Campus; outras de forma indireta, como apoio psicológico para estudantes e servidores, palestras e rodas de conversa, entre outras.

Após a efetivação das medidas de segurança planejadas, em votação, foi decidido pelo retorno presencial das atividades. Foram realizadas atividades para acolhimento das alunas e alunos, mesmo temerosos em relação à sua própria segurança. Os servidores decidiram não silenciar. Com o envolvimento dos

estudantes, foram desenvolvidas atividades, projetos e programas e manifestações para a discussão do machismo, sexismo e assédio sexual.

Como biblioteca, buscou-se envolver os alunos em todas as atividades, fossem estas atividades meio ou atividades fim, para que os alunos sentissem que faziam parte daquele espaço e daquele movimento. Uma biblioteca dos e para os discentes. Atividades estas que foram desde exposições de mulheres na história da independência do Brasil (Memoriexistência), envolvimento na listagem de compras para a composição do acervo literário da Biblioteca Carolina Maria de Jesus, indicações literárias, com pautas LGBTQIA+, feminismo, história das mulheres, entre outros.

Acredita-se ser importante esta narrativa, por ser um evento que afetou toda a comunidade escolar/acadêmica, mas não só pelo ponto de vista do medo, mas por que, a partir dele, houve a possibilidade de transformar, envolver e cativar. Foi trabalhada a questão humana, por meio dos acolhimentos dos discentes e servidores, resvalando pelo campo da biblioterapia de desenvolvimento, visto que o compartilhamento de uma leitura possibilita o surgimento de memórias, vivências do outro, ativa a própria memória para uma vivência semelhante. Foi pensado este espaço como possibilidade de troca de vivências e experiências entre os participantes, que essa leitura trouxesse uma aproximação com a literatura e que esses leitores encarassem esse processo como um ponto de partida em sua formação.

Remarcado para data oportuna no mês de agosto, o encontro presencial ocorreu sem grandes alterações na dinâmica. É importante pontuar uma fala que ocorreu na reunião após o primeiro encontro presencial. Foi apontada, pelo Bolsista A, a necessidade de fechar a porta da biblioteca, para não haver circulação de pessoas e também que usuários comuns da biblioteca, sentados, estudando em grupo nas mesas do fundo, fizessem silêncio ou se retirassem durante a atividade, para não atrapalhar sua fala.

A coordenação do projeto sinalizou sobre a importância da utilização livre da biblioteca e da possibilidade de trazer esse usuário comum para participar do projeto. Foi apresentada a alternativa de desenvolver o encontro em uma sala fechada, mas, visto que os participantes eram poucos, a chance de não haver quórum era grande, e assim seria necessário um retrabalho para agendar

novamente a atividade em outro dia. Dessa forma, os bolsistas entenderam a necessidade de os encontros permanecerem na Biblioteca Carolina Maria de Jesus.

Um dos principais pontos negativos destacados regularmente pelos bolsistas era o tempo para a discussão das obras. Os encontros do clube duravam entre 1 hora e 30 minutos e 2 horas. Para traçar uma linha de raciocínio do livro, a apresentação era alongada com excessivas questões e trechos, porém destacavam como necessárias para a conclusão que gostariam que os participantes chegassem.

Ao longo do projeto, foi percebido uma decorrente melhora na fala e apropriação e postura dos bolsistas; no entanto, isso não foi o suficiente para que estes se soltassem e trouxessem uma característica mais informal ao clube.

Enquanto visão de biblioteca, percebeu-se um aumento na circulação desses títulos entre os estudantes ao longo do ano. Muitos deles participantes do clube de leitura. Sempre que algum aluno emprestava títulos da lista de leituras obrigatórias, era convidado a participar do clube. Dessa forma, houve a participação não só de alunos terceiranistas que objetivavam o aprofundamento para um fim específico que é o vestibular, mas também de interessados em discutir obras literárias pelo saber ou pelo prazer na leitura ou espaço que envolve a leitura.

Diante dos entraves percebidos nessa primeira edição do Clube de Leitura Vestibulando, levantou-se, como possibilidades de otimização do seu funcionamento para o ano seguinte, os seguintes pontos:

- a) fim do formato *on-line*, visto que não há mais restrições de público devido à pandemia do novo coronavírus. Outro motivo para a extinção do formato *on-line* foi a notável falta de interação entre os participantes do clube. Muitos desses participantes não dispunham de câmeras ou mesmo não ligavam, o que dificultava muito a aproximação e diálogo nos encontros;
- b) formação em mediação de leitura voltada para os bolsistas. Mais do que as indicações de leitura sobre a temática, notou-se a necessidade de uma formação voltada para as práticas da mediação literária;
- c) a importância de ressaltar as características do clube visando à formação de leitores e uso de mídias diversas para o enriquecimento da discussão;
- d) o clube como um espaço de fala e acolhimento dos participantes.

A aparente simplicidade de um espaço de leitura, como o dos clubes, perpassa por uma série de problemas que transcendem a simples vontade de ler. Existem diversas barreiras que acabam por impedir uma participação e um

desenvolvimento efetivo. De maneira geral, o acompanhamento das ações do Clube de Leitura Vestibulando possibilitou o aprofundamento das questões estruturais e teóricas da criação e funcionamento de um clube de leitura e deram bases para reflexão importante sobre as potencialidades e os limites deste espaço.

## CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES

*E eu estou feliz porque eu também  
Sou da sua companhia  
Eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge  
Para que meus inimigos tenham pés e não me alcancem  
Para que meus inimigos tenham mãos e não me toquem  
Para que meus inimigos tenham olhos e não me vejam  
E nem mesmo em pensamento eles possam ter  
Para me fazerem mal.*  
**Racionais Mc's**

São Jorge, conhecido por ter vencido o dragão, foi uma inspiração para que outro famoso Jorge brasileiro, o Ben Jor, escrevesse esta música. Para os Racionais, o dragão representa a difícil vida que cada um enfrenta, mas que, com perseverança, é possível surgir o amor. Como um mantra de proteção para os males que assolam o mundo, esta canção é o único momento de tranquilidade, no álbum que foi adaptado para o formato livro. Inserida na lista do vestibular de 2022, a obra *Sobrevivendo no inferno*, dos Racionais Mc's, foi lançada pelo quarteto paulistano de maneira independente há cerca de duas décadas, em 1997, e vendeu mais de 1 milhão de cópias. As rimas de Mano Brown, Edi Rock e Ice Blue tratam de temas como fé, racismo, família, desigualdade social, sociedade de consumo e a sedução que a possibilidade de entrar para o crime exerce em jovens da periferia. Entre o cânone e a literatura periférica, na vivência do dia a dia da biblioteca do IFSP-PTB, esta obra foi, senão a única, uma das raras exceções em que os pré-vestibulandos buscavam e realizavam sua leitura sem o bloqueio que a maior parte dos livros pertencentes a lista obrigatória ressaltam.

O trabalho realizado até aqui permitiu aprofundar, de maneira satisfatória, os elementos destacados na revisão conceitual, de modo a tecer reflexões acerca das ações do Clube de Leitura Vestibulando, identificando suas dificuldades e possibilidades como espaço formativo, sem desconsiderar os elementos influentes para o desenvolvimento e aprimoramento de suas ações durante todo o processo.

Na finalização do Projeto de Extensão Vestibulando 2022, foi possível chegar a algumas considerações. Dentre as principais, destaca-se a percepção de que os bolsistas, enquanto mediadores do projeto, tiveram um processo de desenvolvimento gradual e ascendente relacionado à oratória, ao planejamento de tempo de atividade e organização dos trabalhos. Percebeu-se que as atividades

desenvolvidas no projeto proporcionaram aos bolsistas uma sensação de responsabilidade, visto que se percebiam como protagonistas das próprias práticas. Conforme ressalta Freire (1997, p. 79),

[...] ensinar não é transmitir conhecimento. Para que o ato de ensinar se constitua como tal, é preciso que o ato de aprender seja precedido, ou concomitante ao ato de apreender o conteúdo ou o objeto cognoscível, com que o educando se torna produtor também do conhecimento que lhe foi ensinado.

Desta forma, os bolsistas, ao compartilharem seus saberes adquiridos, também obtiveram importantes experiências, como a melhora da comunicação oral, sendo esta de extrema importância para o seu exercício profissional, enquanto futuro docente. Este desafio, dentro do projeto, trouxe um maior enriquecimento à sua formação, como a responsabilidade, o aprendizado em lidar com o diferente, a liderança, o ensino, o compartilhamento de saberes, a exposição, a sociabilização, responsabilidades ao lidar com o protagonismo do aprendizado do outro, tendo que desenvolver suas próprias linhas de raciocínio e métodos, para expor os conteúdos aos participantes do clube, o que foi de grande valia para a preparação e exercício de sua futura profissão: a de professor.

Já entre os pré-vestibulandos, notou-se um entrosamento com os bolsistas, sendo estes solicitados para tirar dúvidas, dicas de estudo e troca de ideias fora dos momentos do projeto. Percebeu-se a troca de vivências entre os discentes do ensino médio e de graduação que, devido à idade e turnos diferentes no Campus, dificilmente têm um momento de interação.

Além do aprendizado proporcionado pelas leituras, detectou-se, entre os participantes do grupo, outras práticas importantes para o desenvolvimento cidadão, como o respeito, a criticidade e o relacionamento social. Essa vivência proporcionou um importante compartilhamento de ideias nos momentos de conversa entre os alunos mediadores e os alunos pré-vestibulandos nos momentos finais de cada encontro.

Em relação ao objeto de nosso estudo (o clube de leitura como uma ferramenta para a formação de leitores), mesmo em momentos de leituras obrigatórias para os vestibulandos, houve a percepção de que as reuniões com os pré-vestibulandos auxiliaram na organização individual dos participantes nas leituras. Visto que os encontros obedeciam a um cronograma de leituras, auxiliavam

na revisão das informações e, por haver um potencial de auxílio a estes participantes que se reuniam com um problema em comum, tiravam dúvidas e trocavam impressões entre si. No entanto, o clube de leitura acabou por se converter em um grupo de estudos. Abandonada as características de um clube que, mesmo sem regras fechadas, possui características de um espaço aberto ao diálogo, percebeu-se que os encontros se transformaram em um “Aulão”, com formato fixo e fechado, com tempo programado para apresentação, tempo para perguntas e tempo para exercícios do que foi apresentado/revisado. O projeto foi engessado, com uma receita de desenvolvimento sem alterações: slide, fala, perguntas (“você têm alguma dúvida?”). Descaracterizou-se um clube de leitura, metamorfoseando-o a uma aula programada.

Ressalta-se aqui que um clube de leitura não tem um formato fechado. Sua constituição permite uma maior maleabilidade. No entanto, o formato que foi desenvolvido em 2022, apesar de prever e visar um espaço aberto para o diálogo, assemelhou-se mais a um grupo de estudos, com um formato fechado, com repetições de abordagens e programação já esperada. O que remete a Freire (2017, p. 80), a respeito de o ato de ensinar não ser somente uma mera transmissão de conhecimento, bancária e unilateral, ou “[...] um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante”. E o saber como uma doação, uma transmissão de conhecimento, em que os alunos recebem o depósito do conteúdo. Visto desta forma, não há reflexão, não há criatividade, não há transformação e não há saber. Não se reflete sobre a sociedade em que se vive.

Estas considerações bifurcam-se em diversos questionamentos, sobre os quais é preciso se debruçar e refletir. Porque o clube de leitura se transformou em um grupo de estudos? Poderia estar relacionada a uma falta de conhecimento sobre como realizar uma mediação de leitura na prática? À falta de uma visão de leitura como um processo formativo e informativo? Os mediadores não conhecem ou participam de grupos relacionados à leitura, seja por prazer, seja por formação?

Estes questionamentos abrem espaço para outras indagações, sobre como os cursos voltados à formação dos futuros docentes abordam as estratégias de leitura em seus currículos e quais são as práticas efetivas com seus discentes. Ou mesmo, por que os bolsistas, na condição de mediadores de leitura, reproduziram algumas práticas que se vê há anos, em profissionais anacrônicos, estando estes ainda em processo de formação? Qual será o futuro da leitura, se ainda são

reproduzidos moldes antiquados do professor conteudista? Ou então, onde estão as incorporações das tecnologias no auxílio de um fluido movimento e novas (não tão novas) abordagens na disseminação e mediação da leitura?

Destaca-se que, no relatório final do projeto, foi apontado como sugestão, pela Bolsista B, que, na permanência do Vestibulando para o ano seguinte, este fosse submetido como um Curso de Extensão e criado um espaço no *Moodle* ou no *Classroom*, para elaboração de atividades, geração de interações (forma de registrar presença) e disponibilização de conteúdos, fortalecendo assim a percepção de engessamento e de que, para os bolsistas, permanece uma visão de atividade conteudista.

Freire (1987, p. 44) aponta que “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Com isso, pode-se inferir que, para que haja de fato o processo de ensino-aprendizagem, é de suma importância a interação mútua dos envolvidos, para que haja possibilidade de construção do conhecimento através da troca dos saberes prévios de todos. Assim sendo, ressalta-se a necessidade da existência do debate que consiste em um aspecto essencial para o bom funcionamento de um clube de leitura, uma vez que este deve ser um espaço aberto para a discussão, troca de conhecimentos e partilha de ideias. Como pontua Freire (1987, p. 72), “Não basta saber ler mecanicamente ‘Eva viu a uva’. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir uvas e quem lucra com esse trabalho”.

Refletir conjuntamente sobre os textos lidos contribui significativamente na maneira como os jovens interpretam o mundo, tendo em vista que o processo os estimula a ir além do acúmulo robótico de conhecimentos e os auxilia a analisar, observar e entender o que foi consumido.

Em maio de 2023, o Projeto de Extensão Clube de Leitura Vestibulando foi submetido a uma segunda edição. O clube teve início em agosto de 2023 e terá a duração de 4 meses.

Das mudanças em relação à edição anterior, foram salientadas as características basilares de um clube de leitura, ou seja, a troca de ideias e vivências da leitura. Foi também incluído um momento de formação para bolsistas mediadores e aumentou-se a quantidade de reuniões para orientação das atividades. No momento, já aconteceram dois encontros do clube, com um público, em torno de dez participantes por encontro, entre discentes e público externo, e, após as adequações

percebidas na edição anterior, percebeu-se que nestes encontros ocorreram mais interações, trocas de ideias e impressões de leitura.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

AGUSTÍN LACRUZ, Maria del Carmen; MORERA GRACIA, Eva. Los clubes de lectura en Aragón: análisis descriptivo de una práctica socio-cultural de animación y promoción lectora. **Revista General de Información y Documentación**, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 583-603, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5209/RGID.54716>. Disponível em: [https://zaguan.unizar.es/record/58417/files/texto\\_completo.pdf](https://zaguan.unizar.es/record/58417/files/texto_completo.pdf). Acesso em: 25 fev. 2023.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015. p. 9-32.

ÁLVAREZ ÁLVAREZ, Carmen. Clubs de lectura: ¿Una práctica relevante hoy?. **Información, Cultura Y Sociedad**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, n. 35, p. 91-106, 2016. DOI: <https://doi.org/10.34096/ics.i35.2512>. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/ICS/article/view/2512>. Acesso em: 25 fev. 2023.

AMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2008.

ANDRADE, Claudete Amália Segalin de. **Dez livros e uma vaga: a leitura de literatura no vestibular**. Florianópolis: Edufsc, 2003.

ANTUNES, Wanda de Andrade. **Biblioteca escolar no Brasil: reconceitualização e busca de sua identidade a partir de atores do processo ensino-aprendizagem**. 1998. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. **Educação, linguagens e livros**. 2. ed. São Paulo: SG Leitura Digital, 2017.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad. Educação e leituras: um passeio pela solidão das estrelas de Marco Lucchesi. In: BAPTISTA, Ana Maria Haddad; HUMMES, Júlia Maria; DAL BELLO, Márcia Pessoa (org.). **Marco Lucchesi: estrela-poética-labirinto**. São Paulo: Tesseractum, 2021. p. 91-135.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad; LÓPEZ, María Ángeles Pérez (org.). **Educação e Literatura: o diálogo necessário**. São Paulo: Tesseractum, 2022.

BARBEIRO, Luís Filipe; GAMBOA, Maria José. **Leitura: descoberta e partilha. O papel dos clubes de leitura**. Leiria, Portugal: ESECS: Instituto Politécnico de Leiria,

2014. Disponível em:

[https://www.lectibe.eu/attachments/article/178/Estudo\\_Leitura\\_Descoberta\\_e\\_Partilha\\_Lectibe.pdf](https://www.lectibe.eu/attachments/article/178/Estudo_Leitura_Descoberta_e_Partilha_Lectibe.pdf). Acesso em: 23 fev. 2023.

BARROS, Maria Helena T. C.; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: FA, 2006.

BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco. Memória de uma bibliotecária-personagem e a mediação oral da literatura com adolescentes. *In*: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 4., 26 a 28 set. 2011, Londrina-PR. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2011/secin2011/paper/viewFile/32/6>. Acesso em: 25 fev. 2023.

BRANDÃO, Zaia. Indagação e convicção: fronteiras entre Ciência e Ideologia. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 141, p. 849-856, set./dez. 2010.

CAMPELLO, Bernadete Santos. **A biblioteca: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Bibliotecas escolares e biblioteconomia escolar no Brasil. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 1-25, 2015.

CASTRILLÓN, Silvia. **Clubes de lectores**: informe de una experiencia. Bogotá: Asolectura, 2007.

CEREJA, William Roberto. **Uma proposta dialógica de ensino de literatura no Ensino Médio**. 2004. 330 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/LinguaPortuguesa/teses/Tese\\_WilliamCereja.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/teses/Tese_WilliamCereja.pdf). Acesso em: 6 jan. 2023.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COSÍN FERNÁNDEZ, Paulo. **Para qué leer**: fomentar la lectura en jóvenes y adolescentes. Madrid, España: Morata, 2022.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, Luiz Antônio. Vestibular: a volta do pêndulo. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 34-48, 1979. Disponível em: <http://www.sbfisica.org.br/rbef/index.php?vol=1&num=1>. Acesso em: 1 out. 2022.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 5**. Rio de Janeiro: Sextante, 2021. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos\\_da\\_leitura\\_5\\_\\_o\\_livro\\_IPL.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2021/06/Retratos_da_leitura_5__o_livro_IPL.pdf). Acesso em: 1 out. 2022.

FEDERACIÓN DE GREMIOS DE EDITORES DE ESPAÑA. **Memoria 2021**. Madrid, España, 2022. Disponível em: [https://www.federacioneditores.org/img/documentos/memoria\\_2021.pdf](https://www.federacioneditores.org/img/documentos/memoria_2021.pdf). Acesso em: 23 jul. 2022.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. São Paulo: Unesp, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

FUNDACIÓN GSR. **Jóvenes y lectura**: estudio cualitativo y propuestas. Madrid, España: LCFL, 2022. Disponível em: <https://fundaciongsr.org/wp-content/uploads/2022/01/Jovenes-y-lectura.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2022.

JURADO, Shirley; ROJO, Roxane. A leitura no ensino médio: o que dizem os documentos oficiais e o que se faz? *In*: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 37-55.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Tradução de Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LEAHY-DIOS, Cyana. **Educação literária como metáfora social**. Desvios e Rumos. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2004.

LIMA, Helena Ibiapina; FRANÇA, Flávio Antonio de Souza. O acesso ao ensino superior no Brasil: Resgatando a história do Vestibular (1925-1961). **Revista Educação Brasileira**, Brasília, DF, v. 24, n. 48/49, p. 125-150, jan./dez. 2002.

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora**: o viajante, a torre e a traça. São Paulo: Editora Sesc, 2017.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARIA, Luzia de. **O clube do livro**: ser leitor, que diferença faz? 2. ed. São Paulo: Global, 2016.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MENEZES, Juliana Alves Barbosa. **Ensino de literatura e vestibular: que leitor espera a Universidade Estadual de Maringá e o que recebe?** 2008. 247 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2008. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=93804](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=93804). Acesso em: 20 nov. 2022.

MORAN, José M. Caminhos que facilitam a aprendizagem. *In*: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21. ed. Campinas: Papirus, 2013. p. 27-29. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2021/08/camin.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2022.

NAVAS, Diana. Afinal, o que pode ainda a literatura? *In*: BAPTISTA, Ana Maria Haddad; ROGGERO, Rosemary; D'AMBROSIO, Ubiratan (org.). **Signos artísticos em movimento**. São Paulo: BT Acadêmica, 2017. p. 147-162.

NUNES, Marta Lúcia. **Literatura e vestibular: a leitura literária pelo método recepcional na 3ª série do ensino médio**. 2007. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2007.

PAULINO, Graça. Algumas especificidades da leitura literária. *In*: PAIVA, Aparecida *et al.* (org.). **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2007. p. 55-70.

PETIT, Michèle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. São Paulo: Editora 34, 2013.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

PINTO, Michelle Silva. **O clube de leitura na biblioteca escolar: a construção de novos sentidos, em situação de leitura compartilhada, por crianças em processo de alfabetização**. 2019. 312 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Ensino em Educação Básica) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

QUINHÕES, Maura Esandola Tavares. Biblioteca escolar, ação pedagógica e leitura. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: PUCRS, 2000.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

REZENDE, Neide Luzia de. O ensino de literatura e a leitura literária. *In*: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 99-112.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil: 1930-1973**. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SCHMITZ-BOCCIA, Andréa. Clubes de leitura: a construção de sentidos em situações de leitura colaborativa. **Veras: Revista Acadêmica de Educação**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 97-113, 2012.

SILVA, Edna Cândida da. **A biblioteca, o livro e as novas tecnologias**: práticas de leitura, memórias e conhecimento. 2014. 98 f. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

TRAGINO, Arnon. **Livros, leituras e leitores**: a literatura do Espírito Santo no vestibular da UFES. 2015. 144 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era. São Paulo: Contexto, 2019.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.